

O Malho

ANO L — NÚMERO 148 — MAIO DE 1952 — PREÇO CR\$ 5,00



O C H A T O

GETULIO — Você foi inventar aquela história de saldo e agora o Barnabé não nos larga mais ! . . .

PARA UM NATAL FELIZ!



150 PÁGINAS

PREÇO
CR\$ 20,00

LINDAS HISTÓRIAS
ENSINAMENTOS
CURIOSIDADES
MONÓLOGOS
ETC.



ALMANAQUE d'O TICO-TICO

ALMANAQUE DE TIQUINHO



HISTÓRIAS MUDAS
BRINQUEDOS DE
RECORTAR E
ARMAR

120 PÁGINAS

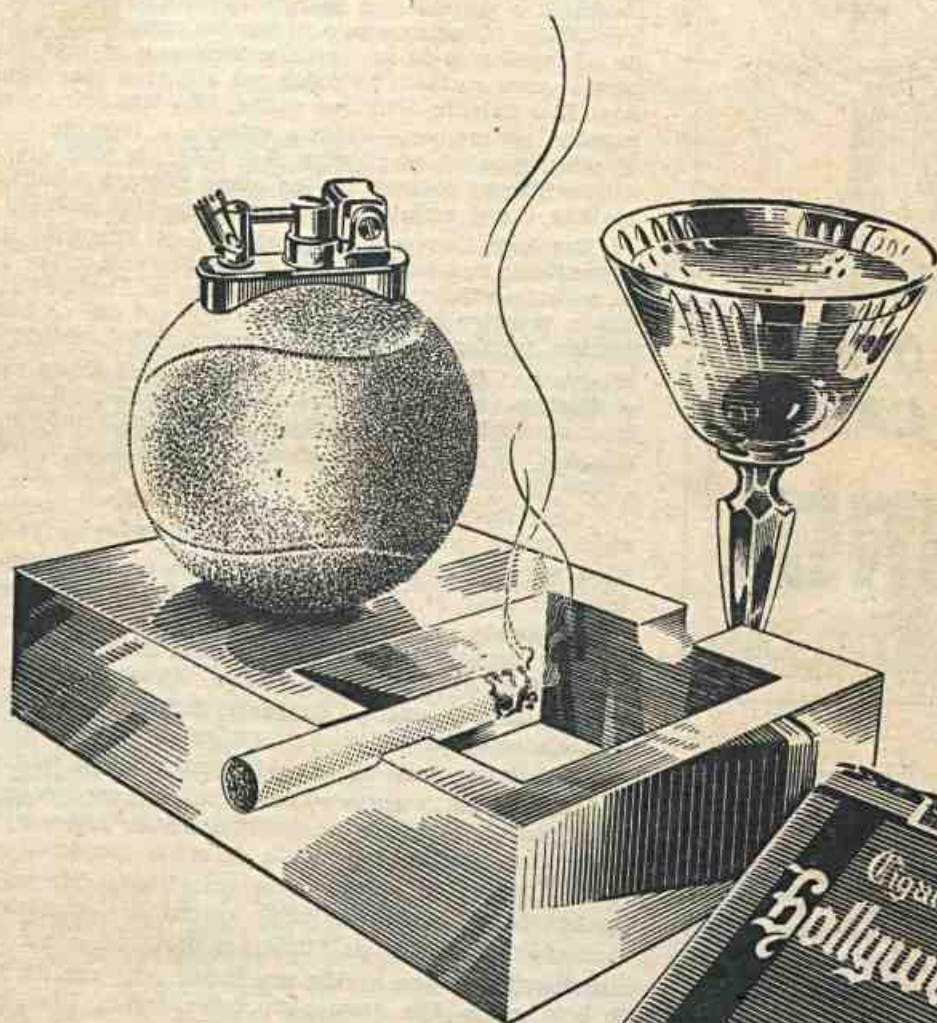
PREÇO
CR\$ 25,00



EDIÇÕES DA S. A. "O MALHO"
RUA SENADOR DANTAS, 15-5.º andar - RIO

ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

sua recompensa... e nosso orgulho!



Tenis... amigos que se reúnem em
amável competição esportiva...
elegante pretexto para apreciar as
coisas boas da vida, como
Hollywood—o cigarro tradicional
da sociedade brasileira...



UMA TRADIÇÃO

CIGARROS *Hollywood*

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

DE BOM GOSTO

**GRIPE/
RESFRIADOS/
NEURALGIA/**



TRANSPIROL

A grande casa editora Pongetti está trabalhando muito neste 1952, e lançando diversas edições algumas bastante apreciáveis. Assinalaremos desde logo a obra forte de Lin Ytuang, o famoso escritor chinês, *A Viuva — A Religião — A Corteza*, tradução do original em inglês por Marina Gaspari. São três ótimas novelas, escritas e observadas pelo sábio chinês, que impressiona o mundo com os seus livros de raro sabor. Os três títulos já esclarecem ao leitor do conteúdo. Trata-se de três mulheres da sua terra, modernas e antigas. Há as personagens curiosas ao redor das chinesas bem estudadas. E' o Oriente vivo, que seduz. São traduções e adaptações, ou melhor — têm o estilo e a fórmula de Lin Ytuang. Afiança, as novelas são dele. E ninguém, que estime livros, deixará de ler estas páginas tocadas de malícia e que refletem uma parte da vida chinesa.

Um bom livro, em outro setor, é *A Águia de Hala*, biografia de Rui Barbosa, do escritor Silo Gonçalves. Está na segunda edição. O grande brasileiro está sempre atualizado, principalmente neste momento em que as Democracias precisam se defender. O gigante intelectual está aí vivo nas Orações magistrais e nas suas idéias claras e vitoriosas na Assembléia de Hala. Silo Gonçalves realizou obra útil e interessante, e justa, glorificando a Rui Barbosa. E é uma obra atualizada, — contra o comunismo.

De Raimundo Nonato é este bom livro, *Roteiros da Zona Oeste*, mandado publicar pelo Governador Dix-Sept Rosado. O governo do Rio Grande do Norte fez bem em editá-lo. A obra enfeixa grandes conhecimentos regionais, pois o autor é um pesquisador sério e um escritor honesto. Tem a obra valores didáticos. E' histórica, é geográfica, é bem escrita. Aliás o autor se firmara com o *Quartirão da Fome*. Sendo um livro regional, ele se aplica muito a outros setores do Brasil.

O escritor João Mohana firmou-se como romancista. Depois do *O outro caminho*, de que nos ocupamos com justiça, aí temos outro livro, *Sofrer e Amar*. Trata-se dum escritor felizmente de estilo simples e claro, e de observação aguda. São dois livros diferentes, e ambos bons. Neste há idéias, conselhos, opiniões, orientação, no sentido de "tirmos partido dos sofrimentos inevitáveis que a vida nos impõe". E' um livro bom e belo, como dele disse certo comentador. Um escritor assim, é para opinarmos que continue sempre, sempre. Tem valor, e tem dignidade.

Três momentos do Existencialismo é o novo livro de E. Vitor Visconti. O autor é um nome nas letras brasileiras, com diversos volumes publicados e bem apreciáveis. Enfeixa, — considerações gerais, os existencialismos à Keerkegaard. Ocupa-se da dialética de Jasper e Satre, e o problema do ser, o ser no mundo, o caminho do ser, conceito vital da Arte e a ética.

Homem de estudo e observações, ensaísta apreciável, este seu livro reafirma o seu valor e competência. E' um autor que se revela um erudito.



BUSTO PERFEITO!
Hormo Vivos

Produto científico para embelezar os seios
O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para os seios pequenos ou flácidos (moles) e o Hormo Vivos n.º 2 para os seios grandes, volumosos.

Inofensivo à saúde - Fórmula de absoluta confiança



PRE-4 - RADIO CULTURA
todas as 3as. e 6as. feiras às 21,30



sob os auspícios da
Companhia Nacional de Investimentos

Tem idéia e forma. Os meus aplausos nesta nota simples, que quizeria estender se espaço houvesse, são apenas a continuação dos muitos que já recebeu. Esta sua obra pertence ao número daquelas que um escritor guarda.

Entre meus filhos e Deus é um romance da senhora Maria Angela Durand. E' um debate de alma que se cruza entre três sentimentos diversos, — o carinho aos filhos, a sua paixão por um homem, a sua veneração por Deus. E a personagem principal, Suzana Sandoval, consegue tudo conciliar, pela sua bondade e sabedoria. E' um hino interessante, de leitura agradável. Esperamos que a senhora Maria Angela Durand nos dê outro romance.

Queremos salientar também o asseio, o capricho, a limpeza das edições Pongetti, editores que tem merecem das letras brasileiras.

De Lisboa recebemos um belo romance dum grande romancista português, Augusto da Costa. Oportunamente nos ocuparemos da *Senhora Menina*, elegantemente editado pela Parceria Antonio Maria Pereira.

— Um livro inexpressivo, *Agua corrente*, versos, do Sr. Acrísio G. Ribeiro. Pareceu-nos mais *Agua estagnada*.

— *Para Você*, livro de Maria Salomé (L.V.M.) profundamente católico. Transbordante de Fé, Escrito com muita naturalidade, é simples e crente, tendo páginas intimas apreciáveis. Tem alguns poemas cheios de emoção. E' uma obra singela que não almeja mais do que ser compreendida pelos seres honestos. E essa modesta ambição a festejada escritora consegue amplamente. E há nessa jovem que escreve bem uma simplicidade comovedora.

— *Livro duma alma sonhadora*, versos de Josefina Macedo Ferreira. E' preciso descer à terra, e escrever outro livro.

— *Garcia de Toledo o el hidalgo de la Revolución*, de G. Castañeda Aragon. E' um ensaio biografico, que nos é enviado do Pará. O personagem nasceu em Cartagena de Indias. E' um estudo completo, com fatos interessantes, da personagem em ação. Vida movimentada, aqui e ali, agitações, processos, figura histórica de relêvo e destaque. Revolucionário. Foi condenado a morte e a 24 de Fevereiro de 1816 fuzilado na praça hoje chamada dos Martires.

E' um magnifico estudo histórico esse, em espanhol, de autor notável, — o colombiano Castañeda Aragon, residente no Pará. E' um autor ilustre de muitos livros bons, merecedores de aplausos, como este.

— Há, na nossa mesa de trabalho, muitos outros livros, aguardando uma notícia. Possivelmente, na próxima edição.

MESTRE PERICLES MORAIS

Ele chegou ao Rio de Janeiro. E todo o Amazonas chama-o assim, — Mestre Pericles Morais. E' o sucessor de Adriano Jorge na Presidencia da Academia Amazonense de Letras, tida como um dos areopagos mais ativos e notáveis do Brasil cultural. E' o autor de muitos livros bons, inclusive *Coelho Netto e sua obra*, *Figuras e Sensações* e, no prélo, *Roteiro duma Vida e dum Destino* — *Leopoldo Peres*, além de outros. Tem sido muito visitado por intelectuais e amigos.



O MEU SEGREDO!

O uso das PASTILHAS MINORATIVAS restituiu-me a alegria e bem estar. Esse produto é um laxativo suave para todas as idades. Siga o meu conselho e tome

Pastilhas
MINORATIVAS
CONTRA A PRISÃO DE VENTRE

ARTIGOS PARA ESPORTES

Futebol, Basquetebol, Voleibol, Tênis e Patins — Roupas de banho — Calçados Tênis e Encordoamentos de Raquetes.

CASA SPANDER

120 — RUA BUENOS AIRES, 120 — TEL. 52-7992
PEÇA CATALOGO GRATIS

REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL



CENTRO LOTERICO
distribue verdadeiras fortunas em bilhetes e apólices vendidos em seu balcão, na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9

Codeinol

CONTRA BRONQUITES, ASMAS, TOSSES, ROUQUIDÃO E COQUELUCHE

— nunca falha! —



**CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



As crianças adoram "Tiquinho"
a revista infantil diferente.
Dê também, ho'je, ao seu garotinho,
a revista dos tiquinhos de gente.

DR. OSWALDO SERRA

da Faculdade Nacional de Medicina.

DOENÇAS DA PELE E SIFILIS.

Tratamento especializado da cutis,
cravos, espinhas, manchas da pele, ver-
rugas, sinais congênitos (nevus), extra-
ção de pêlos da face.

Tratamento de varizes, úlceras, acro-
ma trônicos e alérgicos urticárias, do-
enças dos cabelos e unhas.

Tratamento dos angiomas e cânceres
da pele, pelo RADIUM (Radiote-
rapia).

**ONDAS CURTAS, ULTRA-VIO-
LETA, INFRA-VERMELHO, NE-
VE-CARBONICA, DIATERMIA,
RADIUM.**

Consultório — rua 13 de Maio, 23 —
Edifício Darks 7.º andar, salas 723/4
Consultas diárias das 16 às 19 horas
exceto nos sábados

MOSTRUÁRIO O AÇUCAR

J. R. B.

E, possível que você nunca te-
nha visto uma touceira de
cana, haste flexível é balou-
çar quando o vento passa; é possível
também que você nunca tenha toma-
do um copo de caldo de cana, refri-
gerante que não tem a seus serviços
um aparelhamento publicitário; o
que não é não é possível, entretan-
to, é que você nunca tenha pôsto
uma colher de Açúcar numa xícara
de café ou não tenha ainda sabo-
reado um doce, uma compota, um
creme qualquer.

Pois bem, o que intervém nesses
manjares, dando-lhes um sabor
magnífico, é exatamente o açúcar.

A história do Açúcar é um tanto
velha, mas não é a ponto de esten-
der os seus capítulos pelos milênios
em fóra.

A cana faz parte da vegetação do
Médio Oriente e de determinadas
regiões sul-asiáticas. Naquelas re-
giões e em remotos tempos, o caldo
de cana, onde se encontra a saca-
rose, princípio ativo do Açúcar, era
apreciado e até mesmo utilizado
quase na situação especial de um
tônico natural de emergência, acon-
selhado em determinadas situações
de saúde abalada.

Se é verdade que os árabes trou-
xeram a cana em sua destinação de
domínio até a Espanha, não é me-
nos axato que o seu largo plantio
é consequência do período das gran-
des viagens marítimas — século XVI
— E é depois desse largo plantio
que a manufatura do Açúcar apa-
rece, impondo-se nas praças como
mercadoria e instruindo-se nos car-
dáplos como alimento.

Veio dos domínios insulares por-
tugueses do Atlântico a cana que,
em se aclimatando no Brasil, se fez
em fonte de uma produção básica
para a economia colonial, colabo-
rando também para a fixação dos
lusos brasileiros ao solo rural da
Colônia.

Os centros produtores de Açúcar
no Brasil tiveram o nome genérico
de Engenhos de Açúcar; esse título
foi devido a engenhosidade da mo-
linharia rústica para o esmagame-
nto de cana e a fervura do caldo.

A usina moderna já é a inter-
venção da grande máquina em tudo
isso e o aparecimento da fervura em
taxas-vacuo.

Fundamental na alimentação mo-
derna, o Açúcar se faz em estêio
econômico das nações que o pro-
duzem. O nosso Brasil é um gran-
de centro açucareiro.

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOU-
ZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA
E SILVA

Preços das Assinaturas

Seis meses	Cr\$ 30,00
Um ano	Cr\$ 60,00
Número avulso	Cr\$ 5,00
Número atrasado	Cr\$ 6,00

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração
RUA SENADOR DANTAS, 15 —
5.º andar — Caixa Postal 880 —
Tele. 22-9675 e 22-0745

End. Tele.: O M A L H O
Rio de Janeiro
BRASIL

Publicidade e assinaturas em São Paulo.
Av. Ipiranga, 879 — 13.º. Sala 131.
Tel. 36-4564

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E
PODOPHYLINA)

Empregadas com sucesso nas molestias
do estomago, figado ou intestinos. Essas
pilulas, além de tónicas, são indicadas nas
dispepsias, dores de cabeça, molestias do
figado e prisão de ventre. São um pod-
roso digestivo e regularizador das funções
gastro-intestinaes.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositaris:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro Cr\$ 5,50 pelo Correto Cr\$ 6,50
Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

CREME DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



AGUA PURA
SAUDE SEGURA

SO COM VELAS
ESTERILISANTES

SENUN

BERNARDINI



TRADIÇÃO em Cofres, Móveis de Aço, Instalações para Bancos, Bibliotecas, Repartições Públicas e Empresas em Geral.

Rua do Carmo, 61 - Telefone 22-3541 - Rio de Janeiro

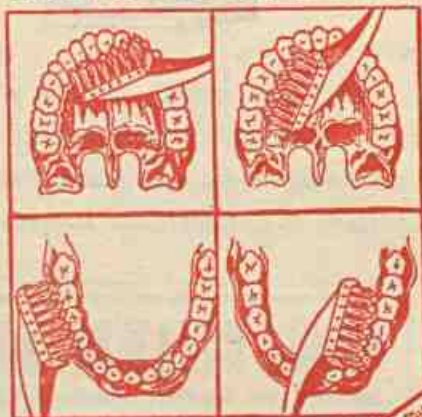
FÁBRICA EM SÃO PAULO - Rua Hipólito Soares, 79 - Telefone 3-0786

FILIAL EM CURITIBA: Rua Carlos de Carvalho, 134

APRENDA A FAZER A HIGIENE CIENTÍFICA DA BÔCA

USANDO O CREME ESPUMOSO-Bukol, COM
A ESCÔVA PATENTEADA Bukol E, APÓS, APLIQUE O
ELIXIR-ODORÍFERO-DENTIFRÍCIO-Bukol.

USE A ESCÔVA PATENTEADA
TECNICAMENTE PERFEI-
TA, ACIONANDO-A SOBRE OS
DENTES, DE CIMA PARA BAIXO
E DE BAIXO PARA CIMA, ISTO
É, NO SENTIDO DA VERTICAL,
PARA QUE A ESCÔVA ALCANCE
OS PONTOS SITUADOS ENTRE
UM DENTE E OUTRO. — CON-
SULTE O SEU DENTISTA.



A TRIÁDA Bukol

LHE GARANTIRÁ
A HIGIENE TOTAL DA
BOCA, MANTERÁ SEUS DENTES
LIMPOS E PERFEITOS, PURIFI-
CARÁ O SEU HALITO E LHE
PROPORCIONARÁ UM SORRISO DE FELICIDADE.

LABORATÓRIO CAPIVAROL LTDA.

RUA BARÃO DE ITAIPÚ-17 — RIO DE JANEIRO

Direção de Antonio A. de Souza e Silva e Oswaldo de Souza e Silva

ELEITORES QUE NÃO VOTAM...

SEMPRE que há uma eleição no Brasil a Justiça Eleitoral, depois de apurado o resultado do pleito, ameaça de punição, de acordo com o código, os eleitores faltosos considerando inexplicável a indiferença pela escolha dos representantes do povo. É verdade que até agora não se foi ainda além da ameaça, mesmo porque a quantidade dos que não cumpriram o seu dever cívico atinge a cifras astronômicas, tornando-se praticamente impossível a aplicação de penalidades a tanta gente. Numa recente eleição para preenchimento de vaga de senador a abstenção foi de tal natureza que os nossos democratas a consignaram como um autêntico sinal de alarme. Apenas compareceram às urnas menos de trinta por cento dos alistados. Repulsa ao nome do indicado ou pouco caso pelo regime? Nem uma nem outra coisa. Somente o fato de haver um candidato único apontado por todos os partidos. E como a vitória, em tais circunstâncias, era fatal, muita gente achou que não valia a pena sair de casa.

Não serão entretanto as multas que corrigirão a

falta de entusiasmo das massas, mesmo porque elas nunca se concretizarão em moeda. O fenômeno precisa ser observado pela direção dos partidos que, em regra, se desinteressam de manter viva a chama das suas idéias no seio das respectivas correntes, mal termina a fase de propaganda em torno da conquista dos cargos eletivos. Com a criação dos partidos de quadros dirigentes não se descuidassem dos contatos com o eleitorado. Quem parece ter âmbito nacional, o lógico seria que os seus compreendidos à risca esse ponto de vista é o sr. Adhemar de Barros que não descança nas suas romarias por todos os quadrantes da pátria, para as suas famosas "conversas ao pé do fogo", numa intimidade necessária com os correligionários. Esse é, evidentemente, o melhor método de conservar a solidariedade das suas forças para as horas de peleja. As multas do

Código Eleitoral são bichos de cara feia que não metem medo a ninguém nem ensinam a praticar a democracia aos que se sentem abandonados pelos chefes...



MALHANDO *em ferro frio...*

VITOR HUGO, SANTO DO COMUNISMO

NÃO deixou de causar uma certa estranheza a súbita demonstração de amor a Vitor Hugo feita pelos comunistas do mundo inteiro. A passagem do centésimo quadragésimo aniversário do nascimento do gênio dos "Miséráveis" e da "Lenda dos séculos" serviu de pretexto a atos de profunda simpatia pela obra do revolucionário do romantismo nos arraiais vermelhos, e ei-lo entronizado nos altares da igreja de Marx.

Realmente, não é fácil aceitar essa canonização, porque a exis-

tência desse novo santo do agilégio dos adeptos da foice e do martelo foi toda ela um exemplo palpitante de amor à liberdade. A princípio monarquista, chegando a par do reino de França, visconde, Vitor Hugo evoluiu para a República e acabou senador. Nada nos seus livros autoriza qualquer pensamento de que ele aceitaria o credo que pretende eliminar da face da terra aquilo que ele mais presava: a liberdade e a dignidade da pessoa humana.

Os totalitários, porém, quer da esquerda quer da direita, não cos-

tumam artapalhar-se quando se cogita de enriquecer as suas falanges com adesões póstumas. Arranjam meios e modos de desfigurar a seu jeito o indivíduo de que necessitam e incorporam-no no Partido. Aqui já fizeram o mesmo com Castro Alves. Nada disso espanta pois Hitler, tão anti-democrata quanto Stalin, dera o exemplo ao ordenar aos técnicos intelectuais do nazismo para provar, à luz de documentos exumados das profundezas da história, que Jesus Cristo era alemão...

A PENA DE MORTE

DISCUTEM os juristas a conveniência o não de instituir-se no Brasil a pena de morte. Muitos a aceitam, outros tantos duvidam da sua eficácia e a consideram perigosa, porque poderia servir de instrumento político. Já a tivemos no Império e a sua abolição foi determinada por um tremendo erro judiciário que levou à força um inocente. Certamente que se trata de matéria da maior gravidade, mas nem por isso a Nação deve continuar desarmada diante da onda de crimes monstruosos que se manifesta de modo alarmante nestes últimos tempos. Três casos se verificaram no curto período de um mês nesta cidade, e todos eles revestidos de aspectos de indistigável barbaridade. A matança de um pobre lavrador na Barra da Tijuca, o assassinio de um preso dentro de uma delegacia por agentes da autoridade, e a morte de uma mulher empurrada violentamente pelo marido debaixo de um ônibus, são episódios que justificariam a eliminação dos responsáveis em qualquer país civilizado ou de por acaso ocorressem. Para crimes dessa natureza funciona a cadeira elétrica nos Estados Unidos, como funciona a força e a guilhotina na Inglaterra e na França.

Dir-se-á que a pena de morte não corrige nem evita que novos crimes se cometa. Mas de que valerá à sociedade manter em seu seio elementos capazes de semelhantes atentados? O que importa é acautelar o país para que a benevolência exagerada com os piores delinquentes não continue a servir de estímulo aos indivíduos que a natureza marcou de taras irremediáveis.



BOA CONVERSA

Por aqui se vai para o jardim, Madame

Casa nova para o Senado

ESTA anunciado que os senadores estão cansados do Palácio Monroe. Querem mudar de ambiente. Aquilo que foi outrora um pavilhão brasileiro na exposição internacional de S. Luiz afigura-se-lhes uma velharia desconfortável e inadequada às suas graves responsabilidades. Faltam-lhe as comodidades rudimentares a um edifício de destinação tão alta, e nem compreendem que a Câmara dos Deputados, a Câmara dos Comuns do Brasil, possa desfrutar o luxo de uma residência como o Palácio Tiradentes, ao passo que o Senado, a nossa Câmara dos Lordes sem o caráter da vitaliciedade das cadeiras, tenha de suportar a diminuição de viver eternamente em casa provisória. Nesse sentido, vai em missão de observador à Europa o sr. Marcondes Filho com a incumbência de estudar os Senados do velho mundo. Examinar a sua arquitetura, as disposições internas, as áreas ocupadas, os diversos serviços, e com o resultado do que lhe fôr dado apreciar, voltará para então aplicar-se a qui o fruto dessa visita em construção à altura de um princípio.

Não há dúvida que o Senado não recebeu ainda o tratamento que merece e que a sua importância exige. O Palácio Monroe há muito que devia ser transformado num museu de qualquer cousa. Mas daí a mandar-se um senador à Europa para vê-lo que pode ser contemplado nas gravuras e nas plantas vai uma grande distância. Com o gasto dessa viagem teríamos aqui, com a prata de casa, os planos arquitetônicos em condições de dar ao Senado a moradia condigna.

Beba leite... Coma frutas...

As folhas não se cansam de publicar notas de uma entidade oficial muito empenhada em ensinar ao povo a melhor e a mais higiênica maneira de alimentar-se. Depois da descoberta das vitaminas e das proteínas essa repartição, com a maior boa-fé deste mundo, aconselha o uso do leite e das frutas. "Beba mais leite, coma mais frutas" é o estribilho dessa canção dos nutricionistas indígenas. Ninguém nega as virtudes nutritivas desses artigos de primeira necessidade. Mas como obtê-los nas quantidades estipuladas pela dietética moderna, se andam escassos e se custam uma fortuna? O leite brinca de vez em quando de esconder, e o que aparece vem desnatado e batizado. E as frutas, essas então só se adquirirão com muito dinheiro.

O Brasil mantém com a Argentina um convênio antigo em virtude do qual os frutos daquela procedência entram em nosso país isentos de impostos. Essa medida foi tomada para facilitar ao povo o consumo em grande escala dessa mercadoria. Uma vez aqui, entretanto, as frutas platinas se incorporam ao grosso da importação de outras origens para serem oferecidas ao público mais caras do que as européias que pagam direitos de alfândega e vem de mais longe.

Quem quiser que entenda essa mágica besta. O consumidor é que não a entende e pergunta como comer mais frutas se ele não sabe onde arranjar pecunia para comer algumas...

STEVENS — Quais as ordens, General?
ADEMAR — Retirada imediata!



GETULIO — Bem! Destas duas botas estou livre!...



GETULIO — Eu desejo aproveitar você mas, o diabo é que o Dutra pôde não gostar...

CIRILO — Ora o Dutra! O Dutra já passou...





— Barnabé — Bancando o filósofo?
— Não — Estou à procura do aumento.

que pagam o que lhes pedem, ou acabam no bacalháu que também custa os olhos da cara. Trata-se de uma modalidade de greve branca em que o peixe se esconde dos consumidores, no fundo dos frigoríficos, para reaparecer, duro como pedra, passada a ocasião a resto de barato nas barracas das feiras.

Este ano, as providências preliminares contra a especulação fizeram com que não se repetissem com os aspectos anteriores as graves perturbações no mercado carioca. Houve, de fato, bastante pescado, embora não tanto que contentasse a generalidade dos compradores. Diminuíram as safras, não porque as águas, nessa época estivessem menos abundantes de cardumes, mas por uma contingência extraordinária: deu qualquer coisa nos peixes que os entendidos qualificaram de epidemia. Alguns milhões surgiram boiando na lagôa Rodrigo de Freitas, e assustaram os moradores da redondeza com o seu mau cheiro.

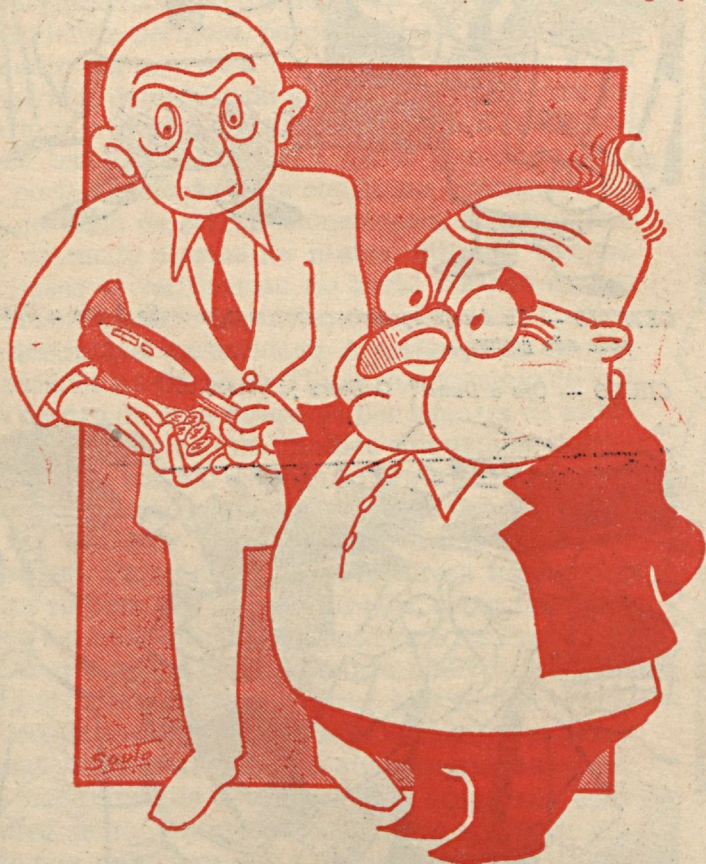
Póde ser que essa mortandade tenha sido o efeito de uma súbita moléstia, mas a co-

A GREVE MACABRA DOS PEIXES

TODOS os anos, com a aproximação da Semana Santa os comerciantes de peixe aproveitam a oportunidade para agir contra a bolsa da população de forma violenta. A grande procura do produto nessa

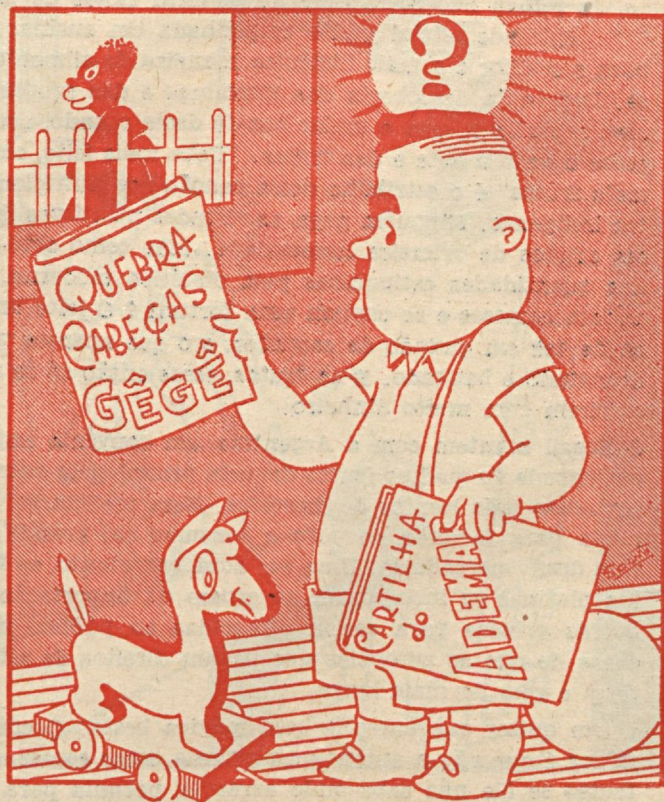
época determina as manobras de sonegação que permitem o jogo dos preços. E como na metrópole o espantallo do tabelamento amedronta os interessados, estes preferem desincaminhar o artigo para as praças do interior

incidência da hecatombe com os dias da Semana Santa faz pensar numa original e trágica forma de greve, a do suicídio coletivo dos peixes. Para não ser comidos mataram-se...



PONTO DE VISTA

Mas Presidente, é só isso?
Bem Barnabé reconheço que isso não enche os bolsos, mas que enche a vista. Ah! isso, "enche".



DUVIDAS DO GARCEZ

LEGENDA! PRA QUE?

UM CHURRASCO EM PETRÓPOLIS

ANTIGAMENTE os banquetes serviam para selar as combinações políticas. Nada como a boa mesa com os bons pratos e os excelentes vinhos para desarmar os espíritos e aproximar os homens desavindos ou desconfiados. Essas cousas, porém, passaram de moda e foram substituídas pelos encontros ao ar livre, mais democráticos e nos quais as pessoas ficam à vontade. Um churrasco é, no caso, o melhor meio de reunir, à sombra das árvores de uma chácara, num belo dia de sol de outono, criaturas que talvez em outras circunstâncias se olhassem de esguelha sem motivos profundos para viverem distanciadas. O anfitrião Fasanelo, o das loterias, ofereceu ao presidente da República e a mais alguns convivas de vários matizes partidários um esplêndido churrasco, para, segundo o que foi publicado, uma obra de pura confraternização, sem qualquer propósito que não o de proporcionar a diversos amigos do peito o que por acaso ocupam posições altas na administração pública, uns momentos agradáveis em plena natureza. Lá apareceram elementos cujos antagonismos ideológicos são conhecidos, mas que por isso mesmo deram provas de um espírito esportivo raro no nosso mundo político não de todo liberto de preconceitos primitivos. Houve quem comentasse o episódio com malícia comparando-o a uma arca de Noé a que se recolheram alguns espécimes humanos destinados a salvar-se de um dilúvio em perspectiva. Nós preferimos encarar o fato com menos pessimismo, vendo nele o começo de uma nova era. Aliás, o próprio sr. Getúlio Vargas já afirmou de uma feita, quando um cronista estrangeiro lhe perguntou se tinha muitos inimigos:

Não tantos que não possa fazer deles meus amigos...

GATO ESCALDADO

GETULIO — V. Exc. fez bem em não se candidatar. Eu tenho experiência desse troço; quando se mete uma "espada", falham todos os cálculos...



O ESTADO MAIOR

GETULIO — Conto com você para a batalha da produção!

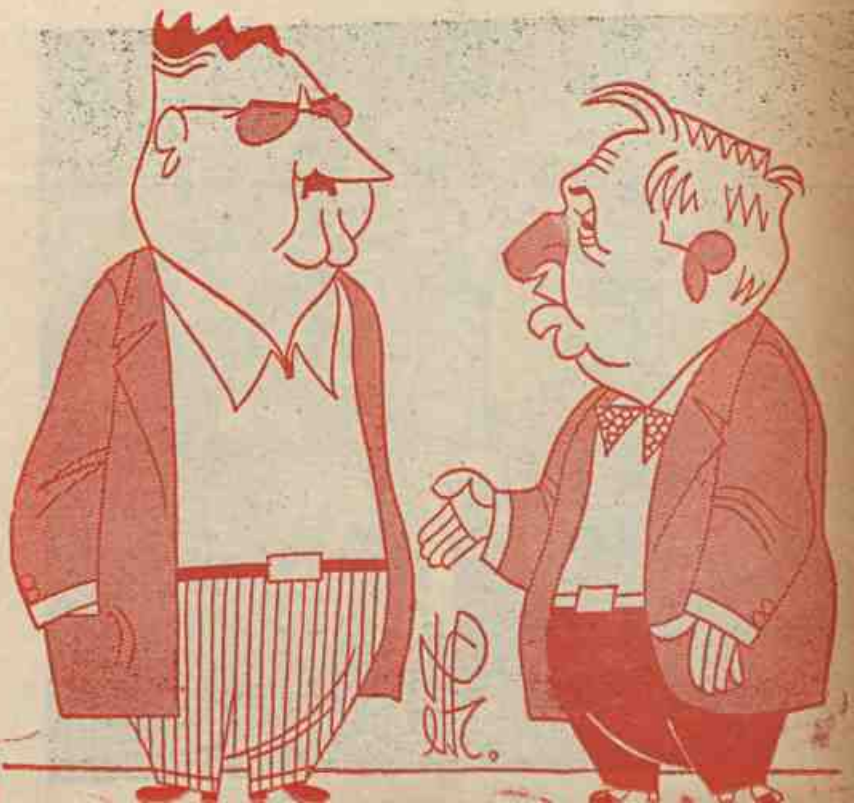
JECA — Só se ló uma bataia sem Generá... esses grãdo são uns gatinhos; não há verba que arresista, seu doutô!

O GRANDE ELEITOR

ADEMAR — Preciso de um "Vice" paraibano.

CHATEAUBRIAND — A Paraíba pequenina tem poucos votos.

ADEMAR — É, mas o meu companheiro de chapa pode ter uma cadeia de rádios e jornais...

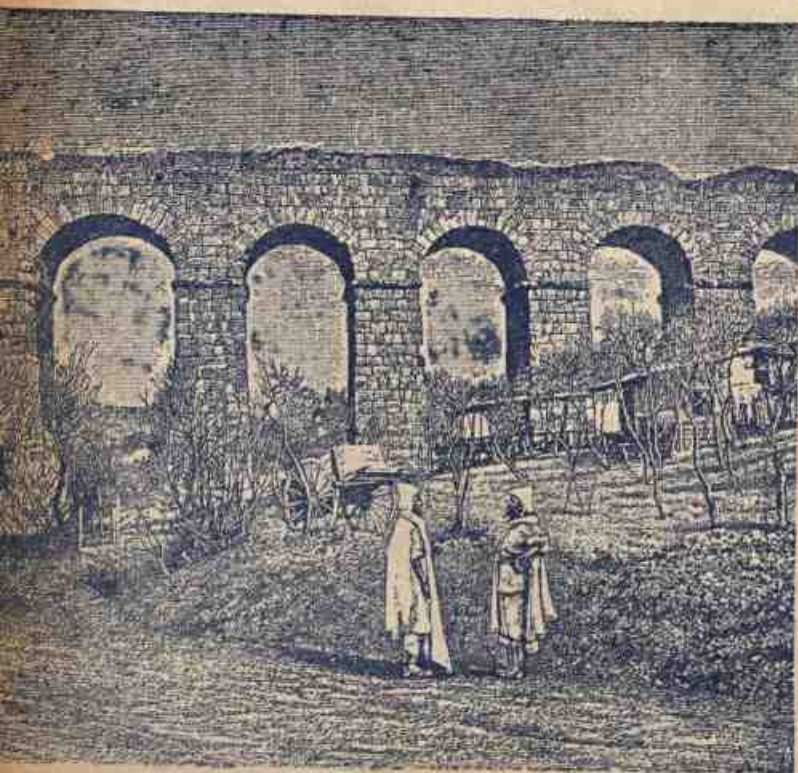


A SOMBRA DE UMA CIVILIZAÇÃO PERDIDA

DE MATTOS PINTO

DEPOIS de expandir-se na Europa, a civilização romana projetou a sua luminosa sombra sobre o Norte da África, transformando as suas terras numa região confortável e risonha, laboriosa e pacífica, cultivada e próspera. Agradáveis vilas e florescentes cidades abriram as suas portas aos influxos da vida agrícola e industrial. No Oasis de El-Kantana, os destroços de uma ponte indicam, que ali trabalharam os romanos. A colônia de Icosium possuía casas, quarteirões, jardins, uma população industriosa. As portas arruinadas de Zaghuan, valem como um atestado, de que a atividade latina se estendera por múltiplas partes. Nem tudo se passou entre combates e massacres. A boa vida, com alegria física e prazeres, conversações e jogos atléticos, existiu na Numídia. Desde que a conquista se solidificou, aos legionários e as campanhas, sucederam os colonos, os mercadores, os que educam os campos e amam os rebanhos. Vieram os arquitetos e as suas harmoniosas colunatas, apareceram os engenheiros e os escultores. Os vestígios das estradas de Bona e Hipona traduzem o espírito social dos conquistadores, a idéia das comunicações rápidas. O solo romano fala com os seus destroços de mármore, com os seus aquedutos, da vida social e das relações mercantis, que se desenvolveram nas areias da Argélia, no tempo em que ela se chamava Numídia. Nas portas da Lambesia, encontraram o busto de Flavius Maximus, prefeito da terceira legião, que aí acampara e implantara uma colônia. Sob Deocleciano, seis províncias cumpunham a África Latina. Embora os romanos não se entregassem às especulações dos gregos, gostavam da literatura, compreendiam o teatro, inclinavam-se perante a beleza da poesia, das peças cômicas e trágicas. No ano 43 a Numídia obedecia inteiramente à Roma, dela recebia leis econômicas, princípios de direito, tudo quanto importa ao convívio social. Nas lutas de Cesar e de Pompeu, participou a Argélia, fornecendo soldados aos dois partidos. Augusto estabeleceu uma colônia perto do Cabo Matifu, tão feliz e proe-

Aqueduto romano em Cirta, cidade africana da antiga Numídia, hoje conhecida como Argélia. Ai os legionários do Império Romano travaram furiosas batalhas. Destruida durante a guerra de 311, entre Pannoniano Alexandre e Maxencio, floresceu novamente reconstruida por Constantino Magno. A civilização romana lançou sobre a África do Norte, uma sombra luminosa, cujos últimos vestígios deparamos nos seus majestosos monumentos. Em lembrança do seu reconstrutor, Cirta passou a ser chamada de — Constantina.

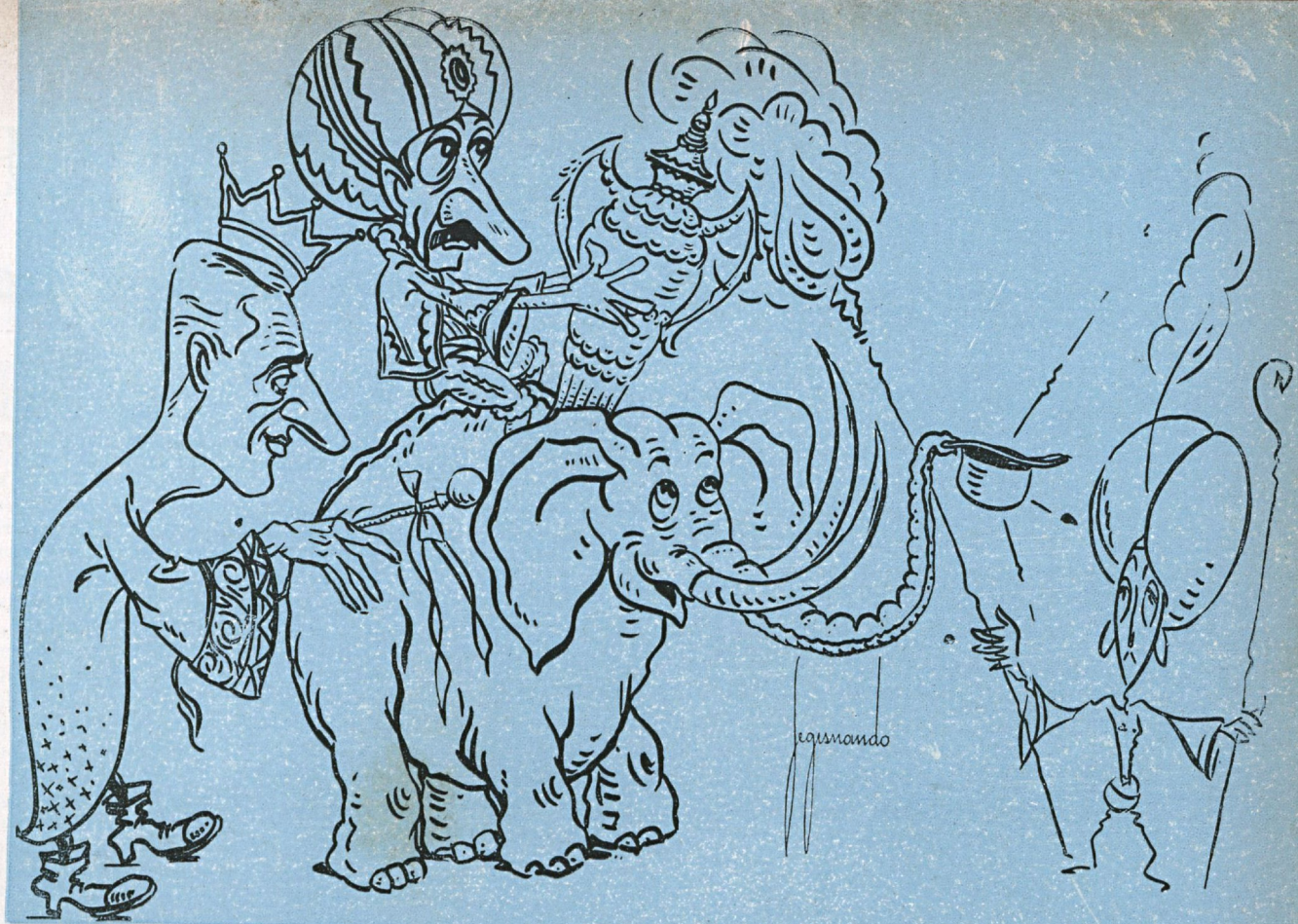


pera, que a fama dos seus monumentos emocionou os tempos modernos. O arqueólogo depara com o estilo romano, em toda a sua grandeza, na poeira de Tebessa. Quem olhando o templo de Minerva, cujos capiteis coríntios se levantam para o ar, orgulhosos de sua graça, não sente um triste assombro por essa civilização perdida? Biskra e também Philippeville, a antiga colônia Veneria Rusicade, recordam o labor romano, que não dorme sobre os louros da guerra. Enquanto Roma governava o mundo antigo, as províncias africanas trabalhavam contentes e bastadas, com as suas próprias atrações sociais.

Os Romanos administraram as províncias da África, como um povo verdadeiramente colonizador, cuja política não se resume em extorquir riquezas. Amavam a prosperidade das terras e dos povos, subjugados pela vitória dos seus exércitos. Perfuraram cisternas para extrair água, levantaram barragens para conter as torrentes, abriram canais, executaram irrigações. Os núcleos africanos gozavam das mesmas regalias, como as cidades latinas da península.

O pretório da Lambesia, o aqueduto de Cirta, conhecida atualmente como Constantina, pelo motivo de haver sido retaurada por Constantino Magno, bem como o anfiteatro de El Djem, não devem ser considerados exemplos únicos, porque cada cidade ostentava as suas termas, alegravam-se com os seus jardins, divertiam-se com os seus teatros, orgulhavam-se das suas ruas e dos seus arcos de triunfo. Durante séculos, a África e Roma viveram juntas, sentiram unidas o mesmo espírito e a mesma civilização. As monumentais ruínas, os templos colossos, esses bustos de homem e esses torsos de mulheres, provam que a vida artística, o prazer do luxo, a comodidade e a sensação do belo, os instintos plásticos, manifestaram-se na Numídia. A estátua de Netuno e o grupo de Hermafroditas, que os arqueólogos recolheram em expedições na Argélia, robustecem a certeza de que uma satisfatória sociedade floresceu aos pés do Atlas. As lutas civis da península, as disputas de Mario e de Sylla, as rivalidades de Cesar e de Pompeu, a conjuração de Catilina, ecoavam na Argélia como na própria margem do Tibre. Tanto Cesar como Augusto, lutaram na Numídia pela implantação do espírito romano. Oito estradas ligavam Tebessa às outras cidades. Mais do que qualquer outro povo verificaram os romanos o valor das rotas comerciais, cujo uso espalhavam por toda parte. O imperador Lucius Aurelius Commodus fez construir o bifurcamento da estrada, entre Biskra e Tobna, um fortim para garantir os viajantes. Cartago, reconstruida por Cesar e por Calo Graccho, readquiriu a sua importância comercial no Mediterrâneo, chegando a ser capital romana da África, preferida pelos proconsuls. O escritor latino Lucio Apuleio, estudioso da filosofia platônica, que tanto escrevia em grego como em latim, acusado de professar segredos de magia, conquistou fama literária em Cartago, que se converteu em centro de estudos verdadeiro sistema rodoviário unia entre si, Calana Lepteis, Adrumeta, Stigis, Ruiscaude Auzia, Hipona, Rusgunia, centenas, milhares de vilas e cidades. O Templo de Esculapio na Lambesia e o Templo de Marco Aurelio em Dúgga, demonstram as proporções, a eloquente grandeza da colonização romana, que desafia os empreendimentos das potências modernas, na África. Contornando o litoral, uma estrada ligava a cidade de Cartago e Gibraltar. No centro da Numídia, como seu sistema muscular e seu cérebro, a Lambesia vigiava com o seu corpo de legionário toda a África Romana, composta de Cartago, Tripolitana, Argélia e Marrocos. Durante séculos, as galerias latinas navegaram sobre o Mediterrâneo, como senhoras do mundo.

O artista cenógrafo Franklin Fonseca, com a taça da vitória, Sr. Mauro Souza Mendes - presidente, Sr. José Salgado - vice - presidente, membros do glorioso clube.



OS FENIANOS

SE as sociedades carnavalescas, notadamente as mais antigas e tradicionais do Rio de Janeiro, possuísem arquivos organizados, muito se poderia saber do passado de seus clubes.

Aos historiadores e pesquisadores da vida da Metrópole fica a tarefa de melhor apresentar aos pósteros a existência dessas entidades carnavalescas. As mais conhecidas e de tradições memoráveis, são as do "Tenente dos Diabos", "Fenianos" e "Democráticos".

Durante a campanha republicana, muitos foram os brasileiros ilustres que, fugindo das persiguições políticas e acoados pela polícia do imperador, refugiaram-se nas sedes desses clubes carnavalescos. Patrocínio, Quintino Bocaiuva, Silva Jardim e Lopes Trovão, serviram-se do "poleiro" dos "Fenianos" como esconderijo.

Em palestra com os veteranos foliões Mauro de Souza Mendes e José Salgado (Zézé) presidente e vice-presidente respectivamente do clube dos Fenianos colhemos alguns dados históricos dessa entidade.

Ambos contam com mais de trinta anos de atividades sociais no clube. Assim, sabemos da derivação da palavra feniano; vem de *Fionu* ou *Finn*, nome de um herói irlandês, que viveu nos fins do século III, muito lembrado até hoje nos cantos populares de sua terra.

Em homenagem a esse herói, o partido nacionalista irlandês, chefiado pelo liberal Ralph, conseguindo a independência da pátria do jugo inglês, deu ao seu grupo partidário o nome de "Fenianos", o que, para o mundo civilizado representava ideal de liberdade, de independência.

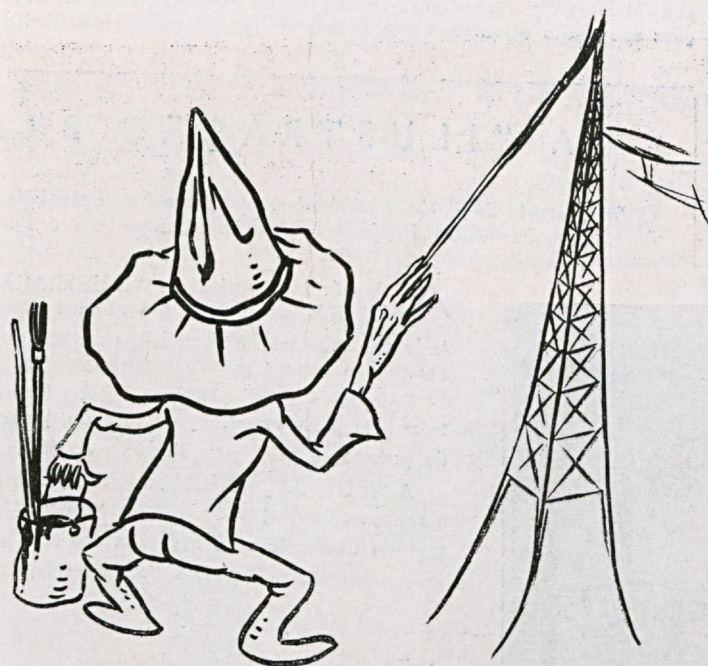
A corrente republicana, em nosso país, sob o entusiasmo e a ação revolucionária de Patrocínio, Silva Jar-

dim, Quintino e Luiz Beyruth, fundaram uma sociedade carnavalesca a quem deram o nome de "Fenianos", em homenagem a luta de independência da Irlanda. verificou-se isto em 8 de Dezembro de 1839.

A nova sociedade adotou o lema: "Tudo pela liberdade, tudo pela República".

Estava, assim, criado o clube dos "Fenianos", hoje uma das mais queridas e tradicionais sociedades carnavalescas do Rio.

O artista Lazari assinalou tão bem o imortal feito de Santos Dumont que, quando terminou o seu trabalho, foi visto assim por Segismundo.



COLCHA DE RETALHOS

UMA COLEÇÃO DE LIVROS INFANTÍIS QUE CUMPRE SEU PROGRAMA

JÁ tendo publicado quatro livros anteriormente, “Eu Vou Contar Uma História” em que se relatam origens do nosso país, “Pequena História de Uma Grande Vida” (biografia de Rui Barbosa) ambos de Alvarus de Oliveira, “Bicharada” de Leonidas Bastos e “Horas de Conversa” de João Guimarães prossegue a biblioteca “Divertinstruc” no seu programa de editar livros para a juventude nos quais haja ensinamentos úteis, além da natural distração.

Assim é que agora lançadas pela Editora Pongetti, apareceram mais três livros, com ótima apresentação gráfica, belas ilustrações e preço bastante acessível a todos os bolsos.

São eles “Carrinho de Bois” de Leonidas Bastos, “Menino e He-

rói” de João Guimarães e “Aventuras do Atomiquino” de Alvarus de Oliveira.

Este último de autoria do diretor da coleção mostra às crianças o que é energia atômica e leva um grupo de meninos a uma viagem maravilhosa através do mundo, dentro de um avião de velocidade supersônica, avião que não é mais que o próprio atomiquino...

São três livros interessantes e se constitui a coleção em esplêndido presente que os pais podem oferecer a seus filhos ou mesmo qualquer pessoa que deseje obsequiar crianças de sua estima.

Caso o livro não seja encontrado na livraria de sua cidade, poderá ser pedido diretamente pelo reembolso postal a Irmãos Pongetti Editores, rua Sacadura Cabral, 240-A, Rio.

O P E T R Ó L E O

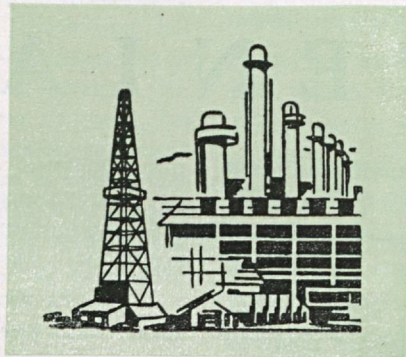
SEGUNDO a publicação “O que eu faria se fosse?...”, sob a responsabilidade do Prof. Humberto Bruno, a convite do eminente engenheiro militar e civil, general A. de Castro Guimarães Junior, vai o Dr. Moses Rabinovitch realizar em breves dias, em local que será oportunamente divulgado, uma conferência sobre o tema:

SOLUÇÃO NACIONAL DO PROBLEMA BRASILEIRO DO PETRÓLEO

procurando o conferencista fixar:

- I — Bases técnicas da geologia aplicada
- II — Área petrolífera singular, comum à Bolívia, Perú e Brasil, designada sob o siglo BOLPEBRA.

Segundo o conferencista essa área petrolífera Bolpebra é genuinamente única, por cingir-se ao âmbito geodinâmico da região amazônica-subandina, em perene agitação sísmica de maior ou menor intensidade.



Tamanha e tão uniforme área de típica formação amazônica — integrando o setor nacional identificado com o noroeste amazônico-subandino do País — é de manifesto SENTIDO CONTINENTAL, e daí revestirem-se de competência incontestável as diretrizes próprias para a solução definitiva do pendente caso brasileiro.

Isto posto, sobressai sua convicção inabalável — por uma visão de conjunto — quanto à inigualável magnitude econômico-industrial e correlativa inextinguibilidade dos mananciais petrolíferos da referida privilegiada parcela do Território Nacional, além de sua perfeita acessibilidade à exploração útil em todas as fases da respectiva efetivação graças à magnificente rede potâmica do Rio-Mar, esses caminhos naturais que marcham segundo Euclides da Cunha.

O CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE ZOLA

OUTRO cinquentenário literário que se comemorará este ano é o da morte de Emile Zola.

O célebre romancista francês nasceu em Paris, foi chefe da escola naturalista, escreveu uma série de romances intitulados “Rougon-Macquart” e várias outras obras. Gênio poderoso, cujas concepções são muito discutíveis mas dotado de grande poder descritivo e

dom particular de observação. Com 62 anos, em setembro de 1902 o romancista dos “Rougon-Macquart” falecia vítima de uma intoxicação a gás, em sua residência, em Paris. Seu nome continuava no cartaz, dado o rumor produzido pela sua corajosa intervenção no caso Dreyfus. O corpo de Zola se encontra hoje no Pantheon, ao lado do de Victor Hugo, Voltaire e Rousseau.

A “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA” EM PORTUGAL

O Dr. Antonio de Faria, Embaixador de Portugal não medindo palavras de louvor, assim se exterioriza nas páginas de abertura do número da “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA” dedicada a Portugal:

△ louvável iniciativa da “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA” de dedicar um número especial ao estudo das relações luso-brasileiras merece os mais vivos aplausos e o mais sincero reconhecimento.

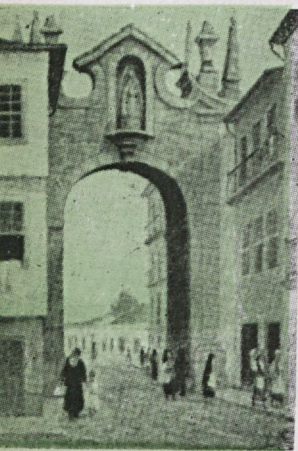
Portugal e Brasil são duas Pátrias indissoluvelmente unidas pelas evocações do passado, pelas realidades do presente e pelas possibilidades do futuro.

A “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA”, ao ventilar, com a valiosa colaboração de figuras representativas das Letras, do Comércio e da Indústria dos dois países, algumas interessantes questões de ordem intelectual, polí-

tica, econômica e de intercâmbio em geral entre Portugal e o Brasil, presta mais um relevante serviço à boa causa de um melhor entendimento e uma mais estreita aproximação das duas Pátrias, que justamente necessitam de melhor se conhecerem para melhor ainda se compreenderem e estimarem.

Bem haja, pois, a “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA”!

Ao manifestar-lhe o meu aprêço pelo alto propósito que inspirou este novo empreendimento, faço os melhores votos pelo seu êxito, esperando que possa contribuir para fortalecer ainda mais os laços que unem os nossos dois países.”



SUCESSÃO NO TRÔNO DA GRÃ-BRETANHA

FLORA DE MALTA

Com a morte de George VI a princesa Elizabeth que nos parecia tímida e hesitante nos jornais cinematográficos, tornou-se a soberana do maior império do mundo.

Certamente a jovem rainha de acordo com as tradições das governantes britânicas fará sentir a sua influência sábia e moderada nos negócios de Estado, usando dos seus direitos de ser consultada, de advertir e de estimular. E o seu belo príncipe consorte será talvez um simpático protetor das artes e das ciências. Como no reinado da rainha Vitória que teve por súbditos Dickens, Thacheray, George Eliot, as Brontës, Macaulay, Carile, Newman, Tennyson, Rosseti, Browning, Thomas Hardy, Meredith, Swinburne, Oscar Wilde, Stevenson e Kipling, mas a literatura só interessou enquanto viveu o seu amantíssimo Alberto. O seu gosto e a sua magnitude estavam na política. Elisabeth II veio num momento em que a humanidade está dividida em dois mundos, e duas causas sobrenaturais estão em conflito, empenhadas na preponderância do espírito humano: A Igreja e o comunismo. Dez séculos de felicidade moldada no caráter disciplinado, confiante e tenaz do povo inglês perturba-se diante do quadro internacional. Mas um governo instituído na luta cortês dos partidos sobreviverá sem dúvida em face de Estados totalitários.

Se dentro da nação, o governo britânico já não deseja manter a sua autoridade senão com o consentimento dos seus governados, os embates de classes ou de partidos mortais em outros países, são menos perigosos na Inglaterra, porque é ali muito antigo o hábito de curvar-se com disciplina às decisões da maioria.

Com as perdas das colônias americanas houve momento em que se podia recear que esse império desaparecesse, senão em virtude de conquista estrangeira ao menos por explosão interna. Mas o poder de adaptação do povo inglês é igual ao seu conservantismo. Sempre a instituição antiga reconhece, aceita e assimila os poderes novos. E duas virtudes preciosas — a continuidade e a flexibilidade — garantiram a Inglaterra um desenvolvimento sem agitação. Entretanto a mo-



narquia, o parlamento, as universidades, permanecem fiéis a tradições e a costumes medievais. E eis porque algumas tribus saxônicas e dinamarquesas, dispersas numa ilha à margem da Europa, mescladas a alguns sobreviventes celto-romanos e constituídas por aventureiros normandos, tornaram-se em alguns séculos possuidoras de um terço do planeta.

NORA MARTHA NO PROGRAMA DE IVETA RIBEIRO

No programa de intercâmbio luso-brasileiro, que se realiza semanalmente às 21,40 horas, todas às quintas-feiras, na Rádio Guanabara, sob a direção da poetisa Iveta Ribeiro, contou, no dia 27 último com a colaboração da grande artista brasileira Nora Martha, interpretando duas páginas de Antônio Viana e declamando versos de Diogo Souto e Alfredo Guimarães. A fotografia acima fixa a conhecida e popular artista nacional nos estúdios de P.R.C.B, Rádio Guanabara, ladeada por Iveta Ribeiro, o Crítico literário Dr. Astério de Campos e outros artistas.



POSTAIS MINEIROS

Cidade de Cristina.
Sul de Minas

Dr. José Vitoria Ferrer



O Doutor José Ferrer
Com o seu trato judiciário
Conquistou lá em Cristina
Bom prestígio partidário.

E' querido na cidade
E por isso já se vê,
Ademar está procurando
Chamá-lo pr'o P. S. P.

EXPOSIÇÃO GABRIELA DANTÊS

Como muito bem disse o crítico de *A Noite* "a destacada pintora uruguaia", Gabriela Dantês, "fixa, sobretudo, em seus trabalhos a vida interna das criaturas, que pinta, evocando-a com um idealismo tanto mais pode-



Uma das telas que figuraram na sua última exposição.

roso e efetivo, quanto nada tem de difuso ou impreciso, mas se inscreve de forma admirável no esforço realmente criador de domínio da forma". Realmente foi o que podemos observar na sua última exposição realizada na "Associação Cristã de Moços".

*A pintora
Gabriela Dantês*



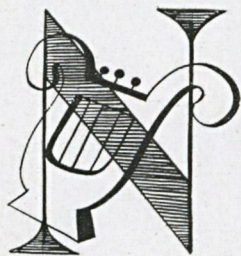
O ENCONTRO DE DOIS POETAS

Quando de sua recente viagem a São Paulo o nosso colaborador Petrarca Maranhão, poeta e escritor dos mais apreciados entre nós, visitou Guilherme de Almeida, com quem manteve prolongado coloquio.

Aqui vemos os dois poetas com o jornalista Nivaldo Reis, também nosso colaborador.

CONVERSA SÔBRE UMA POETISA

ARMANDO MIGUEIS



UM país em que são raras as boas poetisas e os editores do gênero não menos escassos, sentimo-nos distantes do Mundo quando, sôbre a nossa mesa de trabalho, encontramos um volume de versos assinados por uma

conhecedora no trato da Musa. É que o círculo literário do Rio vive preso à um determinado grupo de sonhadoras, cuja característica fundamental é patrocinar "Horas de Arte", em que são consumidas algumas chavenas de Lipton a par de recitativos indigestos que provocam verdadeiro mal estar nos órgãos auditivos dos presentes. Daí, nosso pessimismo ao folhear um desses muitos livros de poesia que, por conta própria de seus autores, são editados.

No livro da senhora Odette de Toledo, porém, não encontramos a poesia piégas que, ultimamente, tanto mal vem causando às letras nacionais. Impregnados de suave lirismo, seus versos atingem o verdadeiro objetivo sem caírem no vazio da água açucarada e no lugar comum das imagens banais. São versos espontâneos, refletindo o entusiasmo da poetisa pelos encantos da Mãe Natura. Entusiasmo que ela exprime em delicadas estrôfes, a que não faltam beleza e sentimento, como neste pequeno poema, em que suplica:

Quando passares, manhazinha e vires
uma gota de orvalho numa fôlha,
não a toques sequer...
Deixa-a ficar ali, brilhante e trêmula:
— essa gôta de orvalho
é lembrança da noite que passou,
é saudade da estrêla que ficou...

Lírica em sua essência, a poesia da senhora Odette de Toledo lembra-nos, por momento, a poesia de Omar Kháyyâm. Enquanto o poeta persa amou demasiadamente o vinho, a nossa patricia enamorou-se da água, a ponto de dar a seu livro de estrêa o título de "MOYS", cuja significação é água, no sentimento simbólico de princípio.

Embevecida pela limpidez do precioso líquido e sequiosa de exaltar-lhe as qualidades, ela não se furtou em aconselhar:

Goza o frescor de minhas águas
claras, numa esteira
de luz, que não para e, sem luta,
vai rolando
nos seixos e cantando!
Canta também! ou, se te aprás, escuta!

No livro da senhora Odette de Toledo não sabemos o que selecionar. A cada revirar da página estamos diante de uma delicada joia literária, a que não faltam qualidades, nem beleza. Versejando para satisfazer seu estado d'alma, ela chega à poesia social, através do poema "Água Férrea" em que declara:

A água mergulhou debaixo da terra,
lutou e sofreu,
foi sugada pelas raízes de troncos seculares,
como se fôssem tentáculos de um polvo...
Teve que abrir caminho palmo a palmo,
furou rochas, cavou grotas fundas,
abriu fendas e frestas e, afinal,
com titânico esforço,
venceu a pedra!
Quando jorrou, enfim, à superfície,
era vermelha, estava misturada
com o sangue da Terra:
— água férrea.

Mas, não se resume no trabalho acima, a poesia social da autora de "MOYS". Outro poema de igual envergadura, em que ela retrata, com fidelidade, o valôr da água, está demonstrado em "A Água Operária". Diz a poetisa, logo ao início:

Como a água trabalha. Tecelã,
alinha milhares e milhares de fios de chuva,
prepara os lençóis debaixo da terra
Lavradora, fecunda os campos
para que tenha o homem o pão de cada dia.

Mais adiante, analisando a importância da água no campo da ciência, afirma:

Ajuda o homem a desvendar os mistérios da
[vida
nos laboratórios.

Avança, depois, para dizer:

Movimenta as turbinas
nas usinas,
gera força, energia e se transforma em luz!

O livro da senhora Odette de Toledo é uma evasiva para o necessário descanso espiritual de que, nos dias presentes, a Humanidade tanto necessita. É, ainda, um consôlo para os críticos literários, já saturados dessa poesia chã que, com desusada frequência, invade certos suplementos. No "MOYS", voltamos a tomar contato com o lirismo puro. Por isso, restanos esperar novo volume de versos da senhora Odette de Toledo.

TUBERCULOSA

*ENTRE os alvos lençóis dum pobre leito,
como a pôr fim na sua desventura,
ELA padece, o rosto mui desfeito,
presa do mal terrível já sem cura.*

*Queima-lhe a febre. E, no seu peito
fervilha o sangue a lhe causar agrura.
Tosse; e prevendo já o seu efeito,
o rosto magro mais se desfigura.*

*Da hemoptise aflora-lhe à bôca o sangue.
Tosse. E, da força no declínio franco,
sem ter remédio que seu mal encubra,*

*desmaia, exausta, pálida, exangue,
como se fôsse um grande lírio branco
boiando à tana da lagôa rubra.*

ADELBAR SANTIAGO

MINISTRO LAFAYETTE DE ANDRADA

UBALDO SOARES

A "souche" desse homem — vai permitir-me o leitor o emprego do terminho francês — é algo de autêntico carvalho na floresta da história do Brasil. Frequente, na velha Galia, a permanência das dinastias espirituais, particularmente as literárias. Basta-nos, a propósito, recordar apenas os nomes, sempre estimáveis, dos Daudet, Poincaré, Renan, Barrés, Rosny Chateaubriand, para o limitarmos apenas a essas azes.

Na política, entretanto, já não sucede o mesmo diapasão. Não temos notícia, por exemplo, da existência de sucessores de Thiers, Deroulede, Briand, Clemenceau e dez outros notáveis.

Se não podemos competir com a Lutécia na arena das letras, onde as batalhas ainda hoje se ferem, com a mesma intensidade e calor maior do que no século XVI, batalhas aliás referidas por um dos Daudet — Ernest — nesse saboroso doce de côco — "Les gladiateurs de la république des lettres au seizième siècle", podemos nos envaidecer, com justo envaidecimento, com a posse, que se não interrompe, desses heróicos Andradas que nos vêm da independência aos nossos dias. Não lhes referimos os nomes. Seria algo de injúria grave inteligência do apís, que os pronuncia e louva em reverência contínua. Ao lado de outros temo-los nos píncaros de nos-

sos anais, na posição de himalaicos, integrados todos, de antanho até hoje, em edificar o Brasil, ora nas letras, açucenas nos jardins dos dois Bonifácios — o velho e o moço — no trato da coisa pública, na diplomacia e agora, com Lafayette de Andrada, no ministério da magistratura. Tem percorrido esse "cítuyen" da nossa judicatória um itinerário singular. Singular pela rapidez com que há atingido os postos que tem dignificado; singular pelo brilho da vivacidade de seu espírito.

Acolhedor, amável, ainda que não raro sarcástico, e suas blagues assemelham-se às mordeduras de cisne, o ministro Lafayette espelha a bondade e a compreensão pelos interesses de seus semelhantes.

Leitor do Padre Vieira, não sabe dizer "não" a ninguém.

Mas, para que insistir em seus títulos em valores quando acaba de fazê-lo, decorando-o com a egrégia comenda de São Silvestre. Sua Santidade, o Papa, chefe austero da Católica Igreja?

Anatole France costuma dizer — os únicos crimes irremissíveis do homem, são os cri-



mes contra o homem, são os crimes contra a prática da bondade. Não incide neles o Ministro Lafayette, visto que à frente da administração da Santa Casa do Rio, e da similar de Barbacena, dissolve o coração em ternura pelos fracos, pelos deserdados.

Justificou e mereceu o Ministro Lafayette a honra, que lhe cabendo primitivamente, cabe por igual, ao Aerópago onde pontifica o direito que tem sido a soberana luz de sua vida, cheia de esplendor e mocidade.

O Brasil na Europa

D E regresso de sua viagem ao velho mundo a nossa brilhante colega Lazara de Oliveira teve oportunidade de divulgar as suas impressões dos países que visitou, entre eles Portugal, França, Espanha e Itália. Ao mesmo tempo aludiu ao desconhecimento do Brasil nessas terras por falta de uma propaganda organizada e constante que deveríamos manter no sentido da atração turística. Segundo o que observou a diretora da revista "Dia e Noite" só raramente se fala do nosso país na Europa, ao contrário do que acontece



Flagrante de Lazara de Oliveira quando visitava o Escorial, na Hespanha.

com as nações que exploram o turismo e que dispõem aqui de excelente organização de propaganda.

Mais de uma vez, nos lugares que percorreu, teve Lazara de Oliveira ensejo de fornecer aos estrangeiros curiosas informações detalhadas sobre as nossas cousas que eles em absoluto ignoravam. É seu propósito dar em breve conhecimento ao nosso público dos resultados de sua excursão numa palestra documentada.

Aspecto colhido no "Night And Day" quando da homenagem prestada à simpática jornalista por seus amigos e admiradores, por motivo do seu regresso da Europa.



O FILÓSOFO VITOR VISCONTI

FALA SÔBRE O EXISTENCIALISMO

ENTREVISTA DE L. G.



O filósofo no momento da entrevista.

— **V**ITOR Visconti, você escreveu sôbre o Existencialismo? E' o assunto da moda. Todo o mundo só fala disso agora.

— Todos falam, mas poucos sabem o que seja realmente essa chamada filosofia. Por isso escrevi *Três Momentos de Existencialismo*. Focalizando suas três grandes fases. A mística de Kierkegaard, o esforço lógico de Jasper num critismo idealista, e a fase materialista e literária de Sartre.

— Gostaria de saber a base do Existencialismo em tôdas as suas fases...

— O existencialismo é a afirmação da vida como única realidade, sobretudo a vida manifestada no homem. O sêr humano se afirma quando atua e sente, e não quando pensa. Pois não pensamos com a realidade, com a ação ou a emoção no instante infimo em que se deflagra, mas com representações das percepções que tivemos da vida, da ação e ainda da emoção.

— Nisso você tem razão. Só pensamos atos já realizados ou com a memória deles imaginamos atos para o futuro. Nunca conseguimos atuar, sentir e pensar a um tempo só.

— Contudo o existencialismo não é só isso. Ele busca na ação que se deflagra a presença de nosso eu real, em tôda a sua profundidade, não crendo que possamos encontrá-lo pela meditação e introspecção.

— Por isso que os existencialistas fazem tantas coisas exquêsitas...

— Se alguém sente a necessária cousa, deve fazê-la para descobrir sua realidade interior nesse atuar. Não devemos, porém confundir isso com atos superficiais, excentricidades que em vez de procurar revelar o nosso sêr profundo, real, busca apenas chamar a atenção por atos calculados, sem espontaneidade alguma. E' o recalque de não querer ter recalques...

— Ah! eis porque Kierkegaard dizia que devemos agir com paixão e Sartre acha que até o crime passionai é explicável como necessidade de auto-realização.

— A Paixão de Kierkegaard era paixão de Cristo a única para êle, que revelava o nosso sêr real. Daí o misticismo do seu método de busca do Sêr.

— E Sartre?

Sartre vê o sêr no corpo. Para êle a paixão é portanto instinto e emoção. O desejo de comunicar-se um ser com o outro, leva a sentir-se a necessidade de superar a barreira da forma extrema de cada sêr, e depois da tentativa de pelo amor de corpo a corpo vencer o obstáculo, vem a certeza de que não é possível pelo sexo atingir o sêr, surge então o desejo de destruir a barreira, na paixão assassina.

— Eis o tema de *Dorian Gray*, que mata o seu amado... Que perigo, Visconti, você me faz medo...

— De fato o existencialismo instintivo oferece sérios perigos, como o ideal do super-homem de Nietzsche, cuja ambição de auto-realização não vê barreiras. Mas sua forma mística leva a descobrir no Cristo, no Buda, na Conciência Universal o meio de unir as criaturas no sentimento de harmonia cósmica.

— E que se diz de Jasper?

O existencialismo alemão é uma tentativa de reduzir a busca do ser a um método lógico. Sua crítica leva-nos aos limites do conhecimento e, chegando a

orla da consciência, estimula o desejo de mergulhar no abismo do desconhecido na ansia de encontrar o sêr, esse substrato indefinível de cada criatura humana.

— Logo o problema da comunicação dos seres depende da revelação do sêr. Não o definindo como Sartre, que diz ser o corpo, não há mais perigo.

— Em Jasper, temos um estado de alertamento que lembra Krishnamurti, mas não deixa de ser um pé sôtre o abismo do incognoscível, igualmente perigoso para os que não tem a força de enfrentar os ventos fortes das altitudes, que ao filósofo vivifica e enlouquece os mediocres...

— Sartre, contudo, é uma libertação de recalques e pode ser usado como meio de cura pela exteriorização de complexos...

— Há, porém, o perigo da imitação de atos excêntricos que podem ser necessários a um grupo restrito de indivíduos e não seria conveniente sua vulgarização entre gente sem personalidade, capaz de adotá-los por mero snobismos.

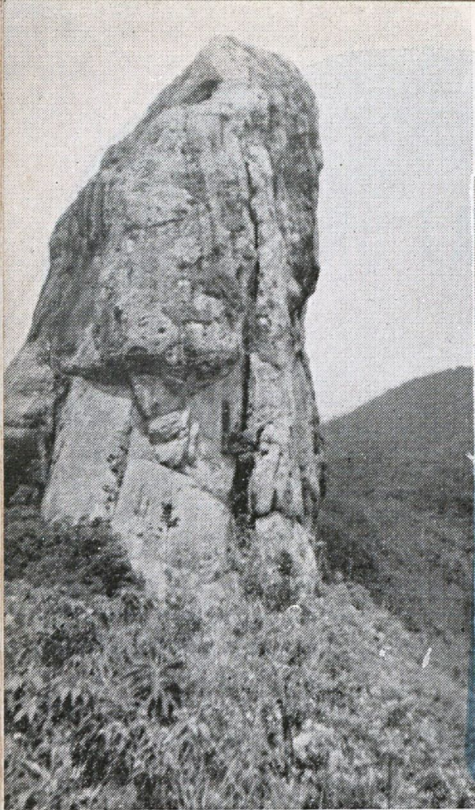
— Então diríamos erre, mas erre como exigência profunda de sua personalidade.

— Pelo menos devemos agir com espontaneidade sem copiar os outros. A identificação do sêr com a vida se manifesta no máximo de emoção e ação e é o momento criador da obra de arte... E' o canto dionisiaco, em que o homem na glória de sua grandeza, rival do próprio Deus, manifesta a plenitude do próprio Sêr.

— Logo o existencialismo é afirmação pessoal, mas profunda e vitalizada, e não a prática de atos superficiais que o sêr não está exigindo para sua plena manifestação.

— Agora compreendo a especiosa afirmação de que a vida precede a essência. A vida é o Todo, no seu esplêndido dinamismo, e a essência uma concepção mental, dum substrato das cousas, imutável e vazio de sentido criador, aliás vital, diríamos.

— Sim, e com isso creio que já sabemos bem o que é o existencialismo, como metadologia psicológica de descoberta do Sêr, e jamais uma filosofia.



"Pedra do Picú", objetivo principal da excursão realizada.



Alfredo Maciel, o bravo alpinista nacional, no ponto máximo da grande escalada.



Francisco Vasco dos Santos, mui justamente ufana-se de seu grande feito.

EXCURSIONISMO

ESCALADA A PEDRA DO PICÚ, NO ESTADO DE MINAS GERAIS

FEITO GLORIOSO DE DOIS MONTANHISTAS CARIOCAS:
ALFREDO MACIEL E FRANCISCO VASCO DOS SANTOS.

DISTANTE 215 quilômetros do Rio, a cavaleiro da bela estrada Areias x Camambú, há uma montanha de formato curioso que chama a atenção de todos os que por ali transitam. Assemelha-se ela a um *barrete frigio*, igual aos que foram adotados em França durante a primeira república, como insignia da liberdade.

É um imenso bloco de granito, isolado, que se levanta num dos espigões da Serra da Mantiqueira, junto ao Massiço de Itatiaia. Denomina-se PEDRA DO PICÚ e sua altitude estimada pelo Conselho Nacional de Geografia é de 1.850 metros aproximadamente.

Avistada há longa distância, parece não haver qualquer obstáculo que possa dificultar sua escalada; mas de sua base o aspecto é completamente diferente e de modo a entusiasmar todo e qualquer montanhista.

O Centro dos Excursionistas, entidade que encabeça e que mais se tem propugnado pelo desenvolvimento do montanhismo no Brasil e que reúne em seu Corpo de Guias elementos competentes e efeitados ao perigoso esporte da escalada, tomou a si o privilégio de conseguir a conquista do referido penhasco, incumbido dois de seus guias: Alfredo Maciel e Francisco Vasco dos Santos para levar a termo tão difícil empreitada.

Com o entusiasmo, fibra e persistência, factores que caracteriza qualquer montanhista, iniciaram aqueles rapazes os preparativos para a conquista tão almejada.

Realizaram então, a título de exploração a primeira investida no dia 29 de dezembro último tendo para isto travado conhecimen-

to com um antigo lavrador da localidade de Itamonte — José Eugênio da Fonseca — que hospitaleiramente, lhes deu guarida e tantas outras facilidades.

Regressaram Maciel e Vasco, daquela primeira excursão, bastante entusiasmados porque, incrível que pareça, foram eles em busca de uma montanha que lhes apresentasse bastante dificuldades o que puderam constatar da base do granito imenso, pelas características de *montanha semi-pesada*.

Uma longa e erecta "chaminé" com 50 metros de extensão, difícil de ser escalada foi vencida naquela primeira etapa.

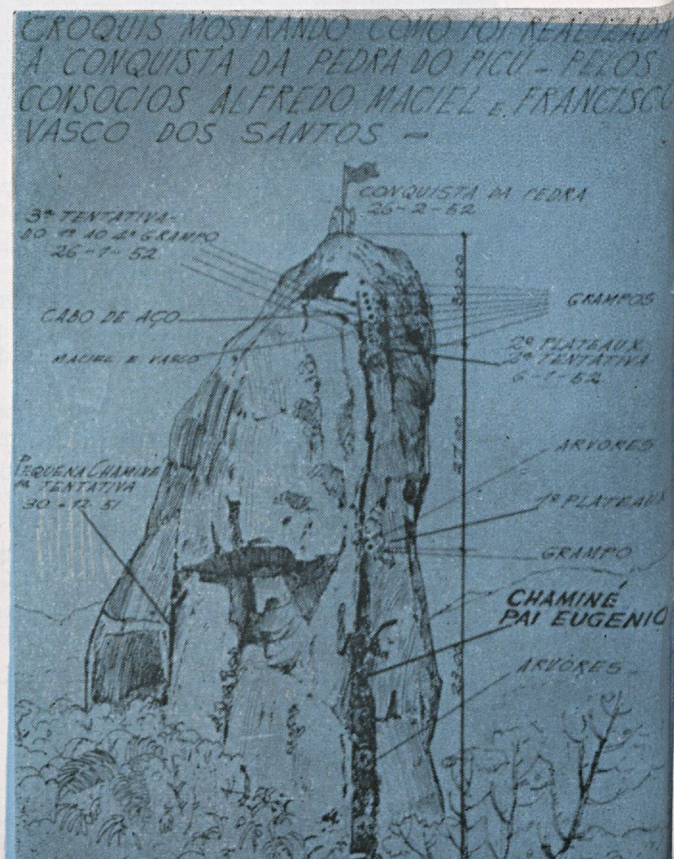
Realizaram dias após, a segunda e a terceira tentativa, perfurando, a custa de brocas de aço, o granito vivo da PEDRA DO PICÚ.

Na quarta e última tentativa — nos dias de Carnaval — depois de vencerem um "paredão" de 90°, conseguiram chegar ao cimo da Pedra, colocando ali a flâmula do glorioso CENTRO DOS EXCURSIONISTAS, no mesmo momento em que se fazia anunciar um forte temporal que os apanhou de surpresa no lance mais difícil da escalada.

Foram necessários trabalhos técnicos de montanhismo, tanto na "chaminé" como no "paredão", cravando-se um total de 11 grampos de ferro e

instalando um cabo de aço de meia polegada, para segurança absoluta dos futuros escaladores.

Está de parabens portanto o CENTRO DOS EXCURSIONISTAS por mais esta grande vitória de seus esforçados guias Alfredo Maciel e Francisco Vasco dos Santos, feito que virá juntar-se a tantos outros do montanhismo nacional.





João de Barros

JOÃO DE BARROS

Em sessão de Janeiro, antes do período das férias da Academia Brasileira, Ademar Tavares tomou nessa casa a iniciativa das homenagens ao grande escritor João de Barros, pedindo que a mais alta instituição literária se associasse as festas com que Portugal, pelos seus artistas e homens de letras, vem comemorar a publicação de "Humilde Plenitude".

Ciente dessa iniciativa na Academia, João de Barros enviou ao poeta da "noite cheia de estrelas", a seguinte carta:



Ademar Tavares

"1952, Fev., 3. Lisboa. — Avd., 5 de Outubro, 26.3.º E. — Meu muito querido Amigo e grande Poeta: — Recebi ontem a sua carta de 25 de Janeiro, que me penhorou e sensibilizou imensamente. Não encontro palavras para lhe dizer a minha gratidão pela iniciativa que tomou na Academia Brasileira. As imerecidas referências que me fez, a generosa atitude que assumiu, recordando o homem e o escritor que tanto deve já ao Brasil e aos brasileiros, tocaram fundo o meu coração. Não me sinto — confesso-lhe com a maior sinceridade — digno de tão alto apreço, da excepcional recompensa que de fato, elas representam e valem, vindas do Poeta — que tanto admiro e do confrade que tanto, e há tanto tempo, aprecio e estimo.

dimento das nossas duas Pátrias, dos nossos dois povos. Poeta em tudo e por tudo — viu-me infinitamente melhor do que eu sou, o meu querido e grande Ademar Tavares. Obrigado, mt., obrigado. Abraça-o, no reconhecimento e na devoção enternecida e fiel, e também na constante saudade da sua presença carinhosa, o velho e dedicadíssimo — (ess.) João de Barros."

Vão para além, muito para além, do que me seria permitido esperar. Deram-me alegria e orgulho, comoveram-me, — e a mim mesmo, pergunto o que faria em que assim o levasse, meu generoso Amigo, a enviar-me a expressão de afeto que revelam Nada ou tão pouco, na realidade, que só à sua bondade as posso atribuir. Mas bem haja pelo estímulo que me trouxeram para, enquanto vivo eu for, continuar batalhando pelo íntimo e fraterno enten-

A MÚSICA BRASILEIRA NA EUROPA

Em Roma, onde se encontra atualmente, a pianista SHEILA IVERT realizou em 1.º do corrente, na ACADEMIA SANTA CECILIA um concerto-conferência de música brasileira. Além de extenso programa pianístico a cargo da conferência, foram apresentados discos orquestrais e gravações de Bidu Sayão, Nora Marilva e Cristina Maristany. Anteriormente, em 26 de março último, Sheila fez-se ouvir na Associação da Imprensa Estrangeira, perante os correspondentes de jornais europeus acreditados em Roma; e em 3 de abril realizou um recital no Bristish Council, dependência da Embaixada Britânica.





João Neves da Fontoura



João Carlos Vital



Saddock de Sá



Juscelino Kubitschuck

De mês a mês



○ Brasil inteiro festejou a passagem do centenário de nascimento de Henrique Oswald, uma das glórias musicais de nossa Pátria.

*

Pelo transcurso do Dia Pan-Americano, o eminente chanceler João Neves da Fontoura pronunciou magníficas palavras de exaltação ao espírito democrático e de fraternidade dos povos do Novo Mundo.

*

Novos desembargadores do Tribunal de Justiça do Distrito Federal os srs. João Coelho Branco, Sadi Cardoso de Gusmão, Oscar Tenório e Eurico Portela, dignos de tão alta investidura.

*

Causou excelente impressão a mensagem que, à Câmara dos Vereadores, apresentou o prefeito João Carlos Vital.

*

Inaugurada grande ala da nova escola primária do Jockey Clube Brasileiro, graças aos esforços do sr. João Borges Filho.

*

Completando o primeiro ano de sua administração à frente do Estado de Minas Gerais, o governador Juscelino Kubitschek dirigiu, aos mineiros, significativas palavras e prestou contas de suas atividades.

*

A obra de Frederico Sommer, "Gulherme Luis, barão de Eschwege", mostra os esforços deste sábio em benefício da siderurgia brasileira e da nossa geologia, da qual foi o patriarca.

*

De grande importância a mensagem enviada à Assembleia Legislativa de S. Paulo pelo governador Lucas Nogueira Garcez.

*

A Metropolitan Vickers, de Londres, vai instalar, em Minas, uma de suas fábricas. E seu gerente geral o sr. J. H. Tearle.

*

Designado o capitão de fragata Carlos das Chagas Diniz para exercer as funções de imediato do cruzador "Barroso".

*

O sr. Jaime Garcia Redondo inaugurou, em Copacabana, o seu estabelecimento "Restaurante Boite Perroquet."

*

Reitor da Universidade de Minas Gerais o professor Pedro Paulo Penido.

*

Reeleito o sr. José Teixeira Novais Júnior presidente do Clube Ginástico Português e, para vice, o sr. Antônio Garcia.

*

Reaberto o Curso de Técnica Publicitária da Associação Brasileira de Propaganda.

*

Os lotações e os ônibus continuam matando à vontade nesta muito bela Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

*

O Governador Ernani do Amaral Peixoto recebeu calorosos elogios pelo valor da mensagem que remeteu ao Poder Legislativo do Estado do Rio.

*

Fundada a Sociedade Brasileira de Prisões, com objetivos altamente louváveis.

*

A Nação, de norte a sul, apoia as providências do Governo contra a infiltração repugnante dos comunistas em postos de responsabilidade, indivíduos que tudo fazem para escravizar o Brasil de acordo com as ordens da quadrilha de Stalin.

*

Diretor dos Serviços Gerais do Ipase o sr. Ademar Silveira.

*

Novos corretores de Fundos Públicos os srs. Antônio Paranhos Ferreira, Hugo Hamann, Marcelo Dutra Leite Barbosa, José Ribeiro e Valdir Alves.

*

Profundamente fecunda a gestão do sr. Emílio Abdon Póvoa, prefeito de São Lourenço, a encantadora estância mineira.

*

Destaca-se a ação profícua do presidente do Banco de Crédito da Amazônia, sr. Gabriel Hermes Filho.

*

Os cariocas prosseguem em sua grita contra a falta d'água. Estão quase roucos, mas o líquido continua difícil...

*

Chefe do Estado-Maior do Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais o capitão de mar e guerra José Augusto Vieira.

*

O sr. Rômulo Barreto de Almeida foi eleito presidente da Casa da Baía, nesta capital.

*

O Leblon tem mais uma casa comercial: Melinda, pertencente à firma O. T. Dias & Cia. Ltda., de calçados finos.

*

Amplia o Banco do Brasil suas atividades em prol dos pequenos produtores rurais.

*

No cargo de Adjunto da Divisão de Assuntos Nacionais da Escola Superior de Guerra o capitão de mar e guerra Dorval dos Reis.

*

A sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto organizou o ótimo congresso fluminense de estudos dos problemas do menor.

*

No Departamento de Parques da Prefeitura (viveiros de plantas, no Cajú) foi inaugurado um refeitório para os seus funcionários.

*

A Pan American Airways vai instalar, em S. Paulo, um hotel de turismo, com esplêndidas e grandes acomodações.

*

Em dinâmica atividade a Orquestra Sinfônica Brasileira.

*

Presidente da Federação Brasileira de Homeopatia o sr. Amato de Azevedo.

*

No Palácio do Catete: Chefe da Casa Militar o general Caiado de Castro.

*

Festejado o primeiro aniversário da administração Saddock de Sá no comando do Corpo de Bombeiros.

*

Promovido ao posto de contra-almirante o capitão de mar e guerra João Batista de Medeiros Guimarães Roxo.

*

Brilhante a Missão Cultural Portuguesa que visitou o Rio de Janeiro. Diversas e admiráveis

homenagens cercaram os representantes da grande terra de Salazar.

*

Instalada a comarca de Nilópolis, com a cerimônia de posse do juiz Nelson Pinheiro de Andrade, seu primeiro titular.

*

O escritor Olavo Dantas é, agora, capitão de fragata médico.

*

Presidente do Aéreo Clube do Estado do Rio o sr. Alfredo Lima de Moraes Coutinho.

*

Os açougueiros constituem uma organização de voracidade incrível. Em um ano enriquecem com suas *honestas* atividades...

*

Está proporcionando os melhores resultados a política administrativa que vem sendo posta em prática pela Companhia Vale do Rio Doce.

*

A General Motores do Brasil atingiu, com sua fábrica em nosso país, a cifra expressiva de 250.000 automóveis montados em São Caetano do Sul.

*

No cargo de diretor geral do Pessoal da Armada o contra-almirante Jorge do Paço Matoso Maia.

*

Em estudos a construção duma segunda Volta Redonda em Piaçaguera, estação da Raiz da Serra, na Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, perto do porto santista, da Usina de Cubatão (da Light) e da futura Refinaria de Cubatão.

*

Sólido o Banco do Estado de S. Paulo, do qual é presidente o sr. João Pacheco Fernandes, e vice o sr. Luiz Rodolfo Miranda.

*

O Jôquei Clube Brasileiro inaugurou o busto de seu ex-presidente ministro Salgado Filho.

*

O professor Luis Alves de Matos é o diretor da nova Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas.

*

O SAPS abre um restaurante para os acadêmicos.



Lucas Nogueira Garcez



Amaral Peixoto



Alzira Vargas do Amaral Peixoto.



Salgado Filho



Columbano

OS povos onde as características etnológicas perduram, e onde os elementos essenciais das energias raciais não se apagaram, a arte se reflete com inconfundível fisionomia. Bastará que se recorde os casos típicos de países de reduzida população, de pequenas áreas geográficas, como a Holanda, a Bélgica, para que se encontre testemunho preponderante dessa afirmativa.

Silva Pôrto



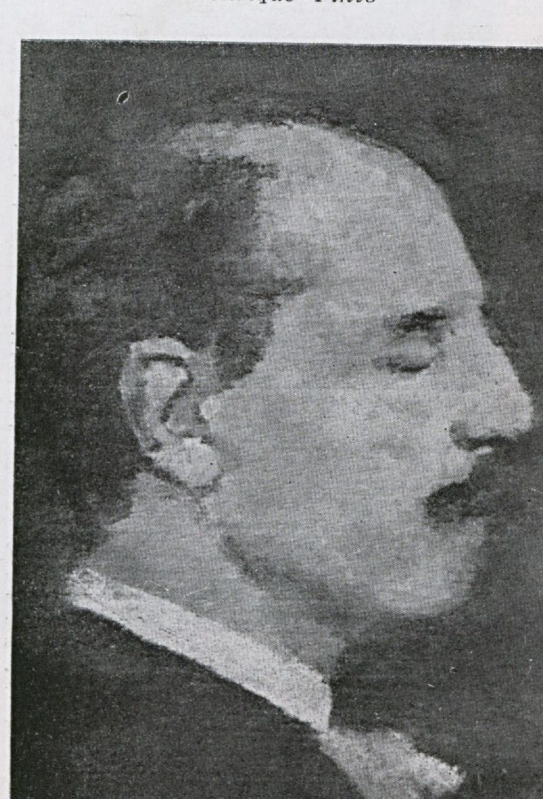
Rodrigues Vieira



Mourão Girão



João Vaz



Henrique Pinto



Malhóia

ALGUNS ASPECTOS DA PINTURA PORTUGUESA

Por **FLEXA RIBEIRO**

Prof. catedrático na Escola Nacional

Páginas publicadas em o numero Especial de "ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA" Dedicado a Portugal.

Embora hoje não mais existam "raças", que no sentido científico da expressão, devemos aceitar, pelo menos, há povos de tão evidente características que se instituem morfológica e psicologicamente como unidades étnicas bem diferenciadas.

E delas a arte participa, e toma as qualidades expressivas. Ficam inconfundíveis nos seus usos, costumes, em certos modos particulares de sentir os fatos, de compreender os fenômenos, de praticar as constantes regras do grupo social.

Como se compreenderá, a arte reflete todo esse espírito sociogenético. Os grupos oferecem reações próprias.

Temos, assim, em cada povo, como um conjunto definido de particularidades. Todas elas se retratam nas artes.

E', precisamente, o que se verifica na pintura portuguesa. Embora haja recebido no século XV a poderosa influência flamenga com a vinda de João Van Eyck, e, seguidamente, as dos padrões mestres da Espanha — continua com seus caracteres peculiares. Posteriormente a influência italiana também se fez sentir por todo século XVII, na época do barroco, e ainda na famigerada fase do tempo de Luiz XV. E' claro que o influxo maior, de indeclinável ascendência se atesta no século XIX, quando a França encontra maior e mais poderosa força de expansão por sobre toda a Europa. Foi para os franceses o período aureo do expansionismo.

Assim, a pintura portuguesa sofre, como todo mundo civilizado, no século passado, os influxos sedutores das escolas clássica, romântica, realista e impressionista, cuja sede foi Paris.

De 1800 a 1900 — poder-se-ia dizer — há na pintura portuguesa, como na do mundo civilizado — as preferências evolucionais daquelas escolas.

Mas quem examinar, com desvelo e particular atenção, a arte portuguesa, ha de verificar que os dotes prestimosos se assinalam com mais proficiência e afinidade, no que toca com o teor das escolas românticas e realistas.

E' que o povo português possui, como dons naturais, essas duas dominantes raciais. Ele é realista no exame objetivo das coisas, no flagrante do pitoresco, às vezes do grotesco, no vigor dos temas com que qualifica o natural, e, por outro lado, logo depois, se deixou embevecer e enlevar, liricamente, nos mais altos cimos dos sentimentos idealizados. Há nele, de mistura e fraternidade, o realista e o romântico. A arte re-

flete, precisamente, semelhante associação. Pelo seu realismo, a pintura se identifica numa pasta larga, saborosa, de densidade particular. Abole quase a linha, como limitadora do volume e vai afirmar-se na mancha que se confina pela contorno, e pela riqueza do colorido. Ainda nesta inclinação específica, a pintura portuguesa se atesta vigorosa na estrutura: a construção é sempre sólida, folgada, com natural desenvoltura. Mas por outro lado, têm-na pesquisando alguma coisa de mais espiritual, de amoroso no sonho de um ideal que se procura.

Fugindo, então, a uma preferência exclusivista, ela não se define, em absoluto, nem como *realista*, nem como *romântica*.

Quem a examinar, em suas qualidades e defeitos, no que aspira conquistar, e no que realiza, — há de verificar como desses dois rumos não lhe resulta uma contradição. Ao contrário. Ela parece realizar, no fundo, os dois andamentos mesmo do homem que é um realista-romântico em quase todos os quadrantes da terra, e desde o primal até o mais civilizado.

De todos os seus pintores, não se negará que Columbano atingiu ao mais alto grau na técnica pictural. No seu tempo foi das mais completas da Europa. E para compará-la ter-se-ia que procurar, na descendência de Velasquez, aqueles altos sintomas a que já nos referimos. Para o testemunho do que se afirma bastará relembrar na época moderna, os nomes de Moura Girão, de pasta sintética e modelado na côr, de Rodrigues Vieira, impreciso na síntese, de Antonio Ramalho, com indicações preciosas, de uma expressividade tão típica, e noutro campo, onde predomina o impressionismo, teríamos que chamar aqui os testemunhos de Malhóia, amplo e aerado, Silva Porto, rico e pitoresco, e Souza Pinto, insigne no pastel e de preciosas harmonias na simplicidade, e por último Carlos



Antonio Ramalho

Reis, de saboroso ar-livrismo. Em todas estas obras, do mais variado teor, das mais diferentes influências, como já disse, as dominantes próprias do caráter português, se aviventam e tomam o ritmo das originalidades do povo.

Através de todas as transformações por que passa a arte contemporânea, ainda encontramos, na pintura portuguesa, os vestígios prestimosos de uma personalidade que retrata a gente e a terra luzitana.



Lília Silvi continua valorizando seus filmes antigos. Pena que não tenho jeito novos filmes. Aqui a vemos em "A bailarina do Scafo".

As cair do pano (Meet Me After the Show) — 20 th-Century-Fox (1951) — Musical, com Betty Grable, Macdonald Carey, Eddie Albert, Rory Calhoun, Fred Clark e Lois Andrews. Direção de Richard Sale. Em Tecnicolor. — Cotação: BOM.

Massacre (Oh, Suzanna) — Republic (1951) — "Western", com Rod Cameron, Adrian Booth, Richard Tucker e Chill Wills. Dirigido por Joseph Kane. Em Trucolor. — Cotação: SOFRIVEL.

O brotinho e as respeitadas (Gigi) — Coda-Cinema (1949). História galante de 1900, da famosa escritora Colette, com Gaby Morlay, Yvonne DeBray, Danièle Delorme, Jean Tissier, Frank Villard, e outros. Direção de Jacqueline Audry. — Cotação: BOM.

A vingança dos piratas (Anne of the Indies) — 20th-Century-Fox (1951). Drama de aventuras, com Jean Peters, Louis Jourlay, Yvonne DeBray, Danièle Delorme, Jean mas Gomez e James Robertson Justice. Dirigido por Jacques Tourneur. Em Tecnicolor. — Cotação: BOM.

Sua última missão (Barry) — Sacha Gordine (1948) — Drama religioso passado na época napoleônica, com Pierre Fresnay, Yves Deniaud, Jean Brochard, Gérard Landry, Simone Valère, e outros. Direção de Richard Pottier. — Cotação: BOM.

Amazonia indomável (Jungle Headhunters) — Thalia-RKO (1951) — Documentário de uma expedição de Lewis Cotlow ao Amazonas. Em Tecnicolor. — Cotação: SOFRIVEL.

Ambição mortal (This Side of Law) — Warner Bros (1950). — Drama criminal, com Viveca Lindfors, Kent Smith, Janis Paige e Robert Douglas. Dirigido por Richard Bare. — Cotação: SOFRIVEL.

A raposa do deserto (The Desert Fox) — 20th-CenturyFox (1951) — Biografia do Marechal Rommel na campanha africana e seu fim, envolvido no atentado contra Hitler, com James Mason, Sir Cedric Hardwicke, Jessica Tandy, Luther Adler, Everett Sloane, Leo G. Carroll, George Macready, e outros. Direção de Henry Hathaway. — Cotação: BOM.

CINEART em revista

(De OPERADOR)

A noite de sábado (La Noche del Sábado) — Suécia (1950). — Drama baseado na peça de Jacinto Benavente, com Maria Félix, Rafael Durán, José Maria Seoane, Manolo Fábregas, Mariano Asquerino, Virgílio Teixeira e outros. Dirigido por Rafael Gil. — Cotação: BOM.

Alameda da saudade, 113 — Lotus (S. Paulo). — Drama baseado numa lenda santista, com Sonia Coelho, Rubens Queiroz, Conceição Andrade, Maria de Lourdes Lebert, Antonio Eleuterio, Guilherme Galliano e Carlos Ortiz. Direção de Carlos Ortiz. — Cotação: BOM.



Renato Restier numa cena de "Areias ardentes". O filme é interessante, mas o enredo é falso e está mal contado. Ninguém o entende.

A rua da vaidade (Bond Street) — Associated British (1948). Quatro histórias, com Jean Kent, Roland Young, Hazel Court, Derek Farr, Ronald Howard, Kathleen Harrison e outros. Dirigido por Gordon Parry. — Cotação: BOM.

Colar de coral — Cine Films (S. Paulo). Drama romântico, com Mary Gonçalves, Douglas Michalany, Elizabeth Henreid, Durval Farias, Manoel Fonseca, Ulla Lander e Carlos G. Silva. Direção de Leo Ivanow. — Cotação: SOFRIVEL.

Vinho, mulheres e música (Two Tickets to Broadway) — RKO-Rádio (1951). Musical, com Tony Martin, Janet Leigh, Gloria DeHaven, Eddie Bracken, Ann Miller, Bob Crosby e Barbara Lawrence. Dirigido por James V. Kern. Em Tecnicolor. — Cotação: BOM.

Delo ao sol (Duel in the Sun) — Selznick (1947). "Western" romântico, com Jennifer Jones, Sidney Blackmer, Tilly Losch, Herbert Marshall, Joseph Cotten, Harry Carey, Lillian Gish, Lionel Barrymore, Gregory Peck, Walter Huston, Otto Kruger e Charles Bickford. Direção de King Vidor. Em Tecnicolor. — Cotação: MUITO BOM.

O tesouro do vulcão (The Lost Volcano) — Monograma (1950) — Aventuras nas selvas com Johnny Sheffield, Donald Woods, Marjorie Lord, John Ridgely e Elena Verdugo. Dirigido por Ford Beebe. — Cotação: SOFRIVEL.

Fogo na carne (Fuego en la carne) — Drama, com Meche Barba, Rafael Baledón e Melly Montiel. Direção de Juan J. Ortega. — Cotação: SOFRIVEL.

O moinho do Pó (Il mulino del Pó) — Lux-Ponti (1948) — Drama dos moleiros italianos no fim do século passado, com Carla Del Poggio, Jacques Sernas, Leda Glória, Isabel Riva, Dina Sassoli, Nino Pavese, Giacomo Giuradei e outros. Dirigido por Alberto Lattuada. — Cotação: MUITO BOM.

Dizem que é pecado (People Will Talk) — 20th-Century-Fox (1951) — Comédia dramática, com Cary Grant, Jeanne Crain, Finlay Currie, Hume Cronyn, Walter Slezak, Sidney Blackmer e outros. Direção de Joseph L. Mankiewicz. Cotação: BOM.

Rica moça e bonita (Rich, Young and Pretty) — Metro (1951). Comédia musical, com Jane Powell, Danielle Darrieux, Wendel Carey, Fernando Lamas, Vic Damone, Marcel Dalio e Jean Murat. Dirigido por Norman Taurog. Em Tecnicolor. — Cotação: REGULAR.

Francisco Petrone numa das mais dramáticas seqüências de "Pampa bárbaro", um valioso épico argentino.



Seu tipo de mulher (His Kind of Woman) — RKO-Rádio (1951) — Drama com Robert Mitchum, Jane Russell, Vincent Price, Tim Holt e Marjorie Reynolds. Direção de John Farrow. — Cotação: SOFRIVEL.

O dia em que a terra parou (The Day the Earth Stood Still) — 20-th-Century-Fox (1951) — Fantasia, com Michael Rennie, Patricia Neal, Hugh Marlowe, San Jaffe, Billy Gray, Drew Pearson e outros. Dirigido por Robert Wise. — Cotação: REGULAR.

O castelo invencível (Lord Dunsany) — Columbia (1951). Drame histórico com Barbara Hale, Richard Greene, Carl Benton Reid, William Bishop, Ron Randell e outros. E Técnico. Direção de Phil Karlson. — Cotação: SOFRIVEL.

Quero um milionário (A Millionaire for Christy) — Thor-20th-Century-Fox (1951) — Comédia romântica, com Fred Mac Murray, Eleanor Parker, Richard Carlson e Una Merkel. Dirigido por George Marshall. — Cotação: BOM.

Areias ardentes — Atlantida — Drama psicológico, com Fada Santoro, Cyl Farney, Renato Restier, Luiza Barreto Leite, José Lewgoy, Margot Bittencourt, e outros. Direção de J. B. Tanko. — Cotação: REGULAR.

Bruma sangrenta (The Wicked City) — Cristina (1949). Drama, com Maria Montez, Jean-Pierre Aumont, Lilli Palmer, Dalio, Pi-

erre Bertin, e outros. Dirigido por François Villiers. — Cotação: REGULAR.

A força do destino (La forza del destino) — Continentalcine (1949). Ópera de Verdi, com Tito Gobbi, Nelly Corradi, Gino Sinimberghi, Giulio Neri, e outros. Direção de Carmine Gallone. — Cotação: REGULAR.

A revolta dos Apaches (The Last Outpost) — Paramount (1951) — "Western", com Ronald Reagan, Rhonda Fleming, Bruce Bennett, Bill Williams, Noah Beery Jr, e outros. Dirigido por Lewis R. Foster. Em Técnico. — Cotação: SOFRIVEL.

O poder da fé (The First Legion) — Sedif (1951). Drama religioso, com Charles Boyer, William Demarest, Lyle Bettger, Barbara Rush, Leo G. Carroll, Walter Hampden, Taylor Holmes e H. B. Warner. Direção de Douglas Sirk. — Cotação: REGULAR.

Mulheres esquecidas (Forgotten Women) — Monograma (1949) — Drama com Elyse Knox, Edward Norris, Robert Shayne, Theodora Lynch, Veda Ann Borg, Tim Ryan, e outros. Dirigido por William Beaudine. — Cotação: REGULAR.

Serra da aventura — Prod. Miguel Marraccini — Aventuras com Zaquia Jorge, Milton Carvalho, Alexandre Alencastre, Miguel Marraccini, Manoel Rocha, Zé do Bambo, Antonio Gonçalves, Celso Camargo, Pato Preto e Máximo Puglisi. Direção de Miguel Marraccini. — Cotação: FRACO.



Lilli Palmer faz uma cigana elegante em "Bruma sangrenta".

A princesa e os bárbaros (The Golden Horde) — Universal International (1951). Drama histórico (?) com Ann Blyth, David Farrar, George Macready, Henry Brandon, Marvin Miller, e outros. Dirigido por George Sherman. Em Técnico. — Cotação: SOFRIVEL.

Assassinato entre estrelas (Hollywood Story) — Universal — International (1951). Drama criminal passado na cidade do cinema, com Richard Conte, Julia Adams, Richard Egan, Henry Hull, Fred Clark, Jim Backus e outros. Aparecem quatro "astros" do passado: William Farnum, Betty Blythe, Francis X. Bushman e Helen Gibson. Dirigido por William Castle. — Cotação: BOM.

Sirocco (Siroco) — Santana-Columbia (1951) — Drama da ocupação da Síria em 1925, com Humphrey Bogart, Marta Toren, Lee J. Gobb, Everett Sloane, Gerald Mohr, Zero Mostel, e outros. Direção de Curtis Bernhardt. — Cotação: SOFRIVEL.

A bailarina do Scala (Biraghin) — Excelsa (1946). Comédia com Lília Silvi, Andrea Checchi, Lauro Gazzolo, Paolo Stoppa, Maurizio d'Ancora, e outros. Dirigido por Carmine Gallone. — Cotação: REGULAR.

Câmplice das sombras (The Prowler) — Horizon — U. A. (1951). Drama criminal, com Van Heflin, Evelyn Keyes, John Maxwell, Katherine Warren, Emerson Treacy, e outros. Direção de Joseph Losey. Cotação: REGULAR.

Pampa bárbara (Pampa bárbara) Artistas Assoc. Argentinos (1945). Drama épico da "pampa bárbara" argentina, com Francisco Petrone, Luisa Vehil, Domingo Sapelli, Froilan Varela, Juan Bono, Maria Esther Gamas, e outros. Dirigido por Lucas Demare e Hugo Fregonese. — Cotação: BOM.

Fresnay deu-nos mais um desempenho admirável em "Sua última missão". Por pouco não tivemos um grande filme.





Ronald Colman, Humphrey Bogart, Greer Garson, Danny Kaye, Arthur Freed. Danny foi o mestre de Cerimônias e Ronald Colman tomou parte no programa.

OS OSCARS DE 1951

A maior surpresa da noite foi quando "Sinfonia de Paris" recebeu o Oscar, aclamando o filme da Metro Goldwyn-Mayer o "melhor" da temporada de 1951. A platéia do Pantages Theatre soltou um "OH"... de admiração, seguido logo de um salva de palmas do contingente da Metro e dos presentes à entrega dos prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

O "musical" da Metro é um excelente espetáculo de diversão, mas está muito longe de ser o melhor filme de 1951, quando "A Place in the Sun" e mesmo "Uma Rua Chamada Pecado" disputavam o mesmo Oscar. Fala-se que, no próximo ano, a Academia vai separar os filmes musicados dos demais, criando um Oscar especial para essa categoria. "Sinfonia de Paris" merece muitos elogios

Karl Malden e Claire Trevor



Lauren Bacall, Humphrey Bogart, Greer Garson e Karl Malden.



como filme-diversão, tem um bailado muito bonito, boas músicas (George Gershwin) e o inimitável Gene Kelly.

O filme, na minha opinião, que deveria ter conquistado o Oscar é "A Place in the Sun", trabalho da Paramount, dirigido por George Stevens que, merecidamente, recebeu o prêmio pela melhor direção do ano.

Humphrey Bogart foi indicado como havendo dado o melhor desempenho, com seu trabalho em "Africa Queen", distribuição da United Artists. Ainda não vi o filme, por isso nada posso dizer a esse respeito. Bogart estava emocionado e, vendo-o aceitar o Oscar não pude deixar de pensar em outra ocasião, quando perdeu para Paul Lukas.

A apresentação fora realizada no Teatro Chinês, no Hollywood Boulevard, e eu fui à festa com Ary Barroso, naquele ano, contratado pela 20th Century-Fox para escrever a partitura de um filme em que Carmen Miranda iria trabalhar. O filme, infelizmente, nunca foi produzido e lamento esse fato pois as músicas de Ary Barroso eram admiráveis.

Bem, voltamos aos Oscars... Estávamos sentados a pouca distância de Bogart que se remexia na cadeira, bastante nervoso... Quando o nome de Paul Lukas foi anunciado, olhamos para Humphrey... Ele parecia um fantasma, tamanha era a palidez de seu rosto. Tempos depois, falou-se que declarara não

ligar para Oscars... que eles nada representavam, etc., etc... Se isso é verdade, Bogart "bancou" a raposa da fábula... achando que, afinal de contas, às uvas estavam verdes.

Quero dizer, mais uma vez, que a votação da Academia é feita pelos sócios, membros da indústria de Hollywood. É pura questão de simpatia.

Ganham os que conquistam maior número de votos... tal qual qualquer eleição seja para presidente do Grêmio Recreativo "Flôr do Maracujá" ou para deputado federal...

(Continua no fim do número)

Joe Mankeewicz entrega a George Stevens, Oscar que o diretor da Paramount ganhou pela sua extraordinária direção em "A Place in the Sun".



UM POUCO SÔBRE CARLITO

(De GILBERTO SOUTO, representante de "O Malho" em Hollywood)

(NOTAS PARA UM LIVRO)

N AQUELE tempo o Hollywood Boulevard, à noite ficava quase deserto. Hollywood vivia então, uma vida calma, sem o congestionamento de tráfego, o faiscar das luzes dos letreiros dos bars e a multidão que, hoje, enche as suas calçadas, indo e vindo, nos esbarros, na confusão das grandes cidades.

Hollywood bocejava às nove horas da noite e ia deitar-se às dez. Apenas alguns, considerados boêmios, deitavam-se pouco depois da meia noite. Um deles costumava passear pelo boulevard, sozinho, sereno, de passo vagaroso, olhando as vitrinas. Nem todos o reconheciam ou notavam a sua presença. Um homem franzino, de estatura mediana, quase sempre de sobretudo, gola levantada, chapéu de feltro e mãos nos bolsos. Solitário.

Eu o vi, assim nessas caminhadas, muitas vezes. Sempre respeitei o seu silêncio, mesmo porque sabia que, se puxasse conversa não obteria dele mais de duas palavras.

Charles Chaplin, o grande Carlito, vagava pela cidade, sem destino. Por quê? Por que sempre passeava à noite e quase sempre sozinho?

Quem o pode dizer? Carlito é um enigma.

Douglas Fairbanks, Jr., um dia, escreveu: "Ele é o homem mais fácil de se compreender e, no entanto, ninguém o compreende, talvez por isso mesmo..."

Já li dezenas de livros sobre ele e já devo ter lido centenas de artigos que procuraram aprofundar o seu mistério. Sempre encontrei nêles impressões diversas e deduções diferentes. Mesmo os mais chegados a ele, como o célebre mordomo japonês, Toraichi Kono, Carl Robinson e Jin Tully tentaram revelar a sua alma e nada conseguiram, como até hoje ninguém ainda soube decifrar o sorriso da Gioconda.

Carlito e Claire Bloom, numa cena séria de Limelight, o último filme do maior de todos os artistas de Hollywood.



Creio, porém, que apenas os seus filmes revelam o artista e o homem, pois em cada um deles, Chaplin quis dizer alguma coisa do seu eu. Carlito está nêles para ser estudado e examinado.

Sabe-se, por exemplo, que ele até hoje protege os seus velhos colaboradores, numa lealdade sem par. Alfred Reeves e Henry Bergman, já falecidos, trabalhassem ou não, recebiam pagamento todas as semanas. Rollie Totheroh, "camera-man" de quase todos os seus velhos filmes, continua empregado, mesmo que Carlito leve cinco anos sem fazer uma comédia.

Edna Purviance trabalhou para ele, pela última vez, em *Casamento ou Luxo*, (*A Woman of Paris*) em 1923. A sua companheira em dezenas de comédias, a Titania, como era chamada nas legendas brasileiras, ainda hoje recebe salário. Não se pôde negar a sua generosidade, mas, por outro lado, todas as vezes que se divorciava, sofria enormemente por causa das somas elevadas que era obrigado a pagar às ex-esposas.

Um seu velho conhecido me dizia: "Ele chora lágrimas de sangue. Parece um avaro, separando-se da última moeda de ouro."

Pelas ruas, caminha solitário. É ele um misantropo?

Não, segundo seus amigos mais chegados Jean Renoir, certa ocasião, falava dele e das reuniões em sua casa. Carlito adora fazer pantomimas para os convidados. A mais famosa, dentre todas, é a em que representa três papéis: *Ele, ela e o outro*. O ambiente é Paris, e ele, que não fala francês, dá a ilusão perfeita de que está representando nesse idioma. Diz palavras que soam como francês, mas que são de sua pura invenção.



Velha fotografia do famoso comediante

Quando "Filme", a revista de Alex Vianny e Vinicius de Moraes, lhe devotou o primeiro número, Carlito escreveu uma carta a Vinicius, agradecendo-lhe a honra, declarando que, mais tarde, concederia uma entrevista ao nosso vice-cônsul. Creio que nunca cumpriu a promessa. São poucos os retratos que tem autografado em toda a sua carreira e, como me contou Robert Florey, depois de assinar um ou dois, confessava-se extremamente fatigado e desaparece. Não sei se até hoje agradeceu aos críticos brasileiros o voto que deram a "Monsieur Verdoux". Mas, quando palestrei com ele, lembrou-se disso e confessou-se muito sensibilizado com tamanha honra.

Durante a confecção de um filme, ele é tudo: escritor, diretor, artista, fotógrafo, cenógrafo, figurinista, músico — sei lá!

Ninguém discorda de suas idéias e, no entanto, aceita sugestões. É valioso, dizem uns. Outros afirmam ser ele egoísta. Mas que artista genial não possui essas faltas? Se o é, por que, tem dado oportunidade a tantos artistas e aberto o caminho a tantos diretores, como o fez com Cluch Reiser, Eddie Sutherland, Monta Bell e Henri D'Abadie D'Arrast?

Quando trabalha é um tirano, esquecendo-se de que nem todos possuem a força física de que ele parece ser o exemplo mais formidável. Sua mente não para um instante, e ele pode trabalhar horas a fio sem alimento ou descanso. É impaciente e sarcástico, em contraste com uma sentimentalidade que o faz chorar diante do sofrimento humano ou mesmo ao ver um cão tiritando de frio numa noite de chuva.

Sente infinita piedade por qualquer criança e sabe lidar com elas como poucos o podem fazer.

Até hoje ainda não compreendeu que um filme sonoro dá mais trabalho do que um silencioso. Fica nervoso e irritado, diante de atrasos e demoras, durante a filmagem. "Tempos Modernos" mostrava deficiência técnica, mas Carlito absolutamente não liga para isso. Seus métodos ainda seguem moldes antigos, dizendo uns que o faz proposadamente, uma vez que considera o seu trabalho pessoal mais importante do que tudo mais.

A nova geração mal o conhece. Os seus filmes são raros, mas Carlito continua sendo a personalidade mais discutida de Hollywood.

Cheguei a esta cidade em 1931. Durante vinte anos, Carlito produziu apenas três filmes: "Tempos Modernos", "O Grande Ditador" e "Monsieur Verdoux". *Limelight* é o quarto, que ele termina agora.

Trabalha há 38 anos, e em Hollywood corre o ditado de que a vida de um artista não dura mais de dez...

Outrora levava vários anos para terminar um filme, mas *Limelight* teve um plano de trinta e seis dias. Carlito excedeu esse número, apenas por ter ficado resfriado durante duas semanas. *Limelight* foi feito num tempo *record*. Antigamente, era seu hábito suspender a filmagem, caso não sentisse inspiração ou se alguma preocupação (em regra, de ordem amorosa) o atormentasse.

Quando trabalhava, não permitia a presença de visitas. Nenhum jornalista era convidado pelo estúdio, e ele, nem sequer possuía um publicista.

Miss Katherine Hunter, sua secretária, tanto trabalhava na mesa telefônica quanto cuidava de publicidade. Carlito examinava cada fotografia e só as dava aos jornais, depois do filme terminado.

Hoje, por que mudou de hábitos? Durante a filmagem de *Limelight*, o estúdio abriu as portas a visitantes e a jornalistas. Hollywood ficou de boca aberta!

Eu o admiro mais do que a qualquer outra figura do cinema. Tem ele o supremo lugar, estando ao seu lado Von Stroheim, John Ford, Orson Welles, Jean Renoir, e o falecido David Griffith.

Lembro-me que, durante "Tempos Modernos", Miss Hunter levou-me a visitar o barracão onde ele havia trabalhado. O filme fora terminado, mas Carlito estava ausente. Naquela época, ele tinha verdadeiro pavor de se ver rodeado de pessoas estranhas. Seus filmes eram feitos em segredo, para evitar que suas pantomimas fossem copiadas por outros ou porque Carlito é extremamente meticuloso no seu trabalho. A linha geral de seus filmes, ele a prepara com muita antecedência, mas as cenas em que ele próprio aparece, os momentos cômicos, ele as vai construindo durante o trabalho em frente à câmera.

Por isso necessita de grande concentração de espírito e não gosta de ser perturbado por visitas.

Limelight, entretanto, derrubou com todos esses tabus.

Quando li, pela primeira vez, que Sid Skolski, um jornalista americano, estivera presente a uma das filmagens, telefonei para o estúdio.

Falei com Harry Crocker que, durante alguns anos, escreveu para os jornais do falecido William Hearst. Eu o conhecia de meus tempos de *Cinearte*, pois o via sempre pelos estúdios ou em festas de artistas.

"Venha ao estúdio. Carlito terá prazer em cumprimentá-lo."

Bum! Quase caí da cadeira. Não era possível, ou talvez tivesse eu ouvido mal.

Trabalho nos estúdios de Walt Disney, e naquela tarde, estava bastante ocupado. Mas não poderia perder a oportunidade, a primeira chance que tinha em vinte anos. Sumi. Tornei-me invisível. O taxi corria pelas ruas de Hollywood com velocidade maior do que o automóvel dos policiais da Keystone.

Saltei na La Brea Avenues, onde fica o estúdio de Chaplin. Na esquina, está a velha casa de Sid Chaplin, seu irmão, onde, hoje, mora apenas um vigia. Sid, há anos, reside na Riviera.

O estúdio não sofreu mudança alguma desde de que Carlito o construiu, há mais de trinta anos. Uma série de chalets, em estilo inglês, várias passagens apertadas entre edifícios, e finalmente o barracão de filmagem.

Entreí e fiquei parado. Harry Crocker não estava lá. As luzes jorravam contra um piano e um telão de fundo, como nos teatros. Nada me parecia real. Eu devia estar sob alguma hipnose, pois não queria acreditar que aquela pessoa, em trajes de cômico de *music-hall*, era o meu ídolo. Carlito dava ordens ao *camera-man*, meu velho conhecido Karl Struss.

Diante de meus olhos pasmos, estava Carlito!

Seus cabelos estavam pintados de vermelho. Vestia calças curtas, que lhe desciam até ao meio das canelas. Camisa, sem colarinho, e de colete branco. Vestia casaca, trazia meias listadas e usava um par de botinas.

O rosto pintado, as pálpebras sombreadas a negro, um bigode de pontas para cima.

É esta uma das caracterizações que ele oferece no filme. Carlito é um palhaço de *music-hall*.

music-hall, o grande Calvero, mas em completa mas em completa decadência pois já não faz o público rir. Acabrunhado, ele se entrega à bebida, quando encontra uma jovem bailarina (Claire Blom). Esta, havendo sofrido uma enfermidade, receia nunca mais poder dançar. Carlito a ajuda a triunfar e, ao fazer isso, o amor que sente por ela e a dedicação que ela lhe dá em troca, fazem com que o palhaço volte a reconquistar o aplauso do público.

A sua volta ao palco é uma noite de glória. A sua derradeira noite...

Carlito faz no filme um violonista, um *sketch* com um pianista tão miope que este mal pode enxergar o piano. Buster Keaton é o pianista, trabalhando, pela primeira vez, com Carlito. Dizem os que já viram estas cenas que ambos são formidáveis.

Faz ele ainda um domador de feras, um palhaço de cara enfarinhada, na velha tradição do papel e um *dandy*, de chapéu de palha e bengalinha de junco.

A cena que ele representava naquele dia fazia parte do *sketch* do violonista. Os trechos com Buster Keaton já haviam sido filmados, Carlito fazia agora os seus *close-ups* e seus momentos isolados. A máquina estava sobre trilhos, e junto dela Karl Struss, grande cinematografista.

Carlito fazia a sua marcação. Parava, meditava, coçava a cabeça e continuava. A máquina correu sobre os trilhos, parou e fez um movimento para cima. Carlito observa e diz: "Não mexam a máquina. O movimento pode distrair a atenção do público".

Notei que, mesmo com a maquiagem diferente, a expressão de seu rosto lembra muito o tipo que ele abandonou, o *Vagabundo* de suas velhas comédias.

Fez-se silêncio. Carlito concentra-se, de cabeça abaixada. Levanta o rosto e toma aquele ar sério e elegante de seus antigos filmes. Há muita nobreza em sua atitude um ar superior de grande artista, como se o violonista fosse começar um concerto de Paganini.

Olha para o lado do piano, cumprimenta o colega e com a mão, num largo gesto de mensura, pede-lhe que comece. Coloca o violino no ombro direito e segura o arco com a mão esquerda. Carlito é canhoto.

Torce o nariz, como se sentisse uma comichão. Levanta o arco e o passa sob o nariz num gesto de alívio. Volta-se para o piano dá um risinho encabulado e faz novo gesto. De repente, tropeça.

Apoia-se no piano e nota que uma das pernas ficara mais curta que a outra. Balançando-a, ela vai, pouco a pouco, sumindo até alcançar a barra da calça. Carlito abaixa a outra perna e fica pequenina como se fosse um anão. Segue-se uma série de trejeitos cômicos e a pantomima continua até que ele para. Está suando bastante.

O maquilador seca-lhe o rosto. Carlito caminha para um canto da sala, onde está um espelho imenso. Mira-se nele e repete os passos e as expressões da cena. Tudo isso, ele o faz em silêncio, tanto mais que pedira: "Por favor, não façam barulho."

Depois, senta-se numa cadeira, cruza as mãos, as suas mãos pequenas e delicadas, abaixa a cabeça e fica pensativo. Levanta-se e volta para o lugar frente à máquina. Altera algumas expressões e certos trejeitos. Filma novamente.

Wheeler Dryden, seu irmão por parte de pai, vai até ele e sussurra-lhe qualquer coisa no ouvido. Carlito abana a cabeça e diz, em voz baixa: "Não, é assim mesmo. Fica assim."

Karl Struss, depois de consultar Chaplin, dá ordens para que a máquina mude de posição.

Carlito pede que toquem um disco. É a música que escreveu para o *ballet* do filme.

Charles Chaplin as Calvero, a British Music Hall comedian, and Claire Bloom as Terry, a ballerina, in "Limelight" written, directed, and produced by Charles Chaplin.



Alegre, cantarolando a música, ele se põe a bailar, como se fosse um *premier danseur*. Há grande delicadeza em seus movimentos. Carlito, se bem que nunca tenha aprendido bailado, pode-se dizer, é um bailarino. Escrevi, na minha crítica de *Monsieur Verdoux*, que a cena em que ele mostra a casa à viúva rica (Isobel Elsom) era um verdadeiro *ballet*. Mais tarde, li a biografia de W. C. Fields e que este, em certa ocasião, depois de assistir a um filme de Carlito, dissera: "O miserável (Fields usou outro termo que não posso transcrever aqui) é um bailarino!"

Carlito agora descansa.

Harry Crocker havia chegado e palestra comigo. Recordamos os seus tempos na era do silêncio, quando ele fizera o galã de *O CIRCO*, o filme de Carlito. Crocker fôra o equilibrista que conquistava Merna Kennedy.

Carlito, prestes a começar o filme, chamou-o e pediu-lhe que se encarregasse da parte diplomática... receber a imprensa. Muito relacionado, Harry Crocker trouxe ao



Foto tirada durante os trabalhos de "*Monsieur Verdoux*", filme realizado em 1947.

estúdio os jornalistas mais importantes dos Estados Unidos, atendendo também aos da imprensa estrangeira.

O fotógrafo da revista *Life* lá estava, batendo instantâneos. Pela primeira vez, Carlito deixava que um fotógrafo de fora trabalhasse livremente. Já não tinha mais segredos, o estúdio escancarara as portas para a imprensa.



Charles Chaplin as Calvero, a British Music Hall comedian, and Buster Keaton as his partner in "*Limelight*". This film marks the first appearance of the two great comedians in the same film.

Harry, agora, encaminhava-se para ele e me apresenta. Carlito levanta-se apressado e diz: "Desculpe-me, não sabia que já chegara."

Pede uma cadeira e faz um gesto para que me sente ao seu lado. Explica-me que a marcação da cena, que eu acabara de presenciar, obrigava-o a mexer com músculos que, normalmente, ele pouco exercitava.

Harry lhe diz que sou do Brasil e que já havia trabalhado para a United Artists. Sim, eu fizera o lançamento de muitos de seus filmes.

Refere-se também ao fato de que "*Verdoux*" fôra votado pelos críticos como o melhor filme de sua temporada.

Carlito fala: "Sei disso. Foi uma grande honra. Sempre gostaram de mim no Brasil".

Falamos do filme e aludo ao fato de que ele ia levar apenas trinta e seis dias de trabalho.

Por que mudara de hábitos?

"Mas... diz-me ele, "leve dois anos preparando a história, concebendo a música, os momentos de comédia. É claro que, antigamente, também fazia tudo isso, mas, desta vez, ensaiei muito e quase que vivi o filme todo, sem a câmara. Assim, pude filmar mais rapidamente. Além disso, os tempos são outros... já não se pode demorar tanto."

Digo a ele que, há mais de dois anos, soubera que "*Luzes da Cidade*" ia ser passado num cinema de Hollywood, em benefício de uma escola. Conto-lhe que Vinicius e Tati foram comigo assistir ao espetáculo. Vinicius havia descoberto a função e me avisara. Comemos à pressa e corremos, entusiasmados, para o cinema. Isto sucedeu, antes de *Luzes da Cidade* haver sido reprisado.

Carlito olha-me com um sorriso nos lábios. Recordo aquela noite, com uma grande animação.

"Que noite! Que vibração!" Fala-me daquele momento com o entusiasmo do artista que vê a sua obra admirada e sente-se confortado pelo aplauso da platéia.

Acredito ter sido aquela noite responsável pela reprise do filme, cujo sucesso, depois de tantos anos, foi realmente fabuloso. *Luzes da Cidade*, depois de vinte anos, voltou

a correr pelos cinemas do mundo inteiro, dando a conhecer à geração nova a figura maravilhosa do *Vagabundo*. Pergunto-lhe qual o seu filme favorito, dentre todos os que havia produzido.

Carlito me responde: "Cada um deles disse alguma coisa."

Refiro-me ao fato de haver lido quase todos os livros que já se escreveram sobre ele. Indago qual deles, na sua opinião, é o mais chegado à verdade.

Carlito medita. Abaixa a cabeça, junta as mãos, tocando os dedos uns nos outros, e me responde: "Esses livros são inspirados em recortes de jornais e revistas, baseados em lendas e boatos que se espalharam sobre mim. Dizem que sou trágico. Um homem infeliz, triste e melancólico. Que sabem? Nada disso. Sou um artista que tem vivido muito. Asseguro-lhe que não sou uma alma trágica!"

Solta um boa gargalhada, deixando ver a bela dentadura.

Pergunto-lhe então se cogita publicar uma auto-biografia. Digo-lhe que os seus admiradores a esperam...

Solta nova gargalhada e diz: "Talvez... um dia... quando ficar velho!"

Quando ficar velho...

Carlito tem hoje sessenta e três anos. De fato, tem vivido uma vida longa, cheia de sucesso e também salpicada de momentos trágicos, de fome e miséria.

Assistindo às cenas de *Limelight*, ninguém pode compreender como um homem de sua idade possa ainda dar saltos, cambalhotas e tombos como o fazia nas comédias do *Vagabundo*. A propósito, o jornalista Skolski pergunta-lhe se o *Vagabundo* voltaria num filme falado. Carlito respondeu: "Ele já disse tudo o que tinha a dizer..."

O *Vagabundo* de suas velhas comédias nunca mais aparecerá na tela, o *Vagabundo* do silêncio dissera tudo o que tinha a dizer sem articular uma só palavra.

Carlito não envelheceu. É o moço eterno, daqueles cujo espírito não sabe ficar velho, para sorte de todos os que vêm nele a maior figura do cinema mundial.



A ESCOLA PRIMÁRIA E O JARDIM DA INFÂNCIA DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

É uma obra altamente meritória o educandário que Jockey Club Brasileiro mantém em terreno do Hipódromo da Gávea para os filhos dos profissionais do turfe. A fim de que as crianças possam ser em maior número, a atual diretoria mandou construir em prédio obedecendo aos rigores da técnica moderna. Uma grande parte desse edifício já foi inaugurada. O nosso "clichê" mostra o momento em que a diretora, professora Mauricéa Félix da

Silva, agradecia o dr. João Borges Filho, presidente do Jockey, a realização de tão importante estabelecimento. Enquanto o edifício, que pode comportar 500 crianças, não ficar totalmente construído a velha escola continuará a funcionar. Até o fim do ano, porém, as obras estarão terminadas. Nessa ocasião todos os alunos passarão a receber instrução na nova sede da escola.

Expressivo flagrante da festinha do primeiro aniversário do belo petiz José Afonso, filho da Sra. Esther Cerrone de Souza e do Sr Afonso Vianna de Souza, figuras de destaque nos meios sociais.

Esta foto fixa um instantâneo do inteligente e gracioso Rogério de Mendonça, filho do Cirurgião-dentista Mário de Mendonça Ribeiro, nosso antigo leitor, residente na localidade de Trindade, estado de Goiás.



SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO POR *Société*

MUDOU a temperatura. Entra-nos dentro d'alma a doçura das manhãs douradas de sol, um sol suavemente quente.

As mulheres trocam de vestidos.

Pouco a pouco voltam ao guarda-roupa os trajes estivais que não dizem com a oportunidade de ser elegante.

Sapatos brancos, algodões listrados, fustões alvos, tudo isso será guardado.

E a carioca, que já apreciou os primeiros desfiles de modelos sente-se alegre por apresentar-se em renovada boniteza.

Paris indica, como condição primeira para atualização dos novos trajes, o corpete um pouquinho frouxo, sem aquela aderência que vinha até a cintura mostrando-a de vespa, quando assim o era...

A cintura, então, se bem que ainda fina, já não se impõe tão marcada. Para tal se indica a blusa "sweater" ou o "sweater" propriamente dito para todas as horas, acompanhado por uma saia que ainda pode ser estreita, porém, no mais das vezes, planejada a valer.

As vezes a cintura não se friza mais em demasia ou sob um pouco, que os recortes, os drapeados e as laçadas aí estão para colaborar com o novo capricho da moda.

Voltando às saias temos a assinalar que as plissadas estão em plena coqueluche e que nos costumes, são com plissados singelos, pregas batidas, plissados embutidos, plissados dos lados deixando frente e costas lisas. Para de dia as de grande volume não levam nada.

Também anotamos que as gamas inúmeras de cinza e de "beije" ganham a diantera nos vestidos comuns, o marinho menos empregado, o preto sempre distinto nos "ensembles" que usam à tarde.

Toucado de palha dourada. Vêu enfeitado com "strass".



Bordados, écharpes, rendas, flôres, tudo isso adotado com sutileza, mais os pequenos chapéus onde vemos "croses" de aigrettes", pernas, fitas, e, sobretudo, véus, véu fino, engomado, o grosso, acompanhado por um broche de pedras preciosas, um alfinete com pérolas, laçadas de fita ou raminho de flôres sobre os cabelos, complemento de um traje para "cocktail".

Tudo isso está na moda, e também os "tailleurs" em que o casaco é solto, o que vai bem às mulheres graciosas e esguias.



Toque para recepção: feltro ornado com contas formando pingentes.



Toque para depois das cinco horas, lamê dourado e veludo preto.

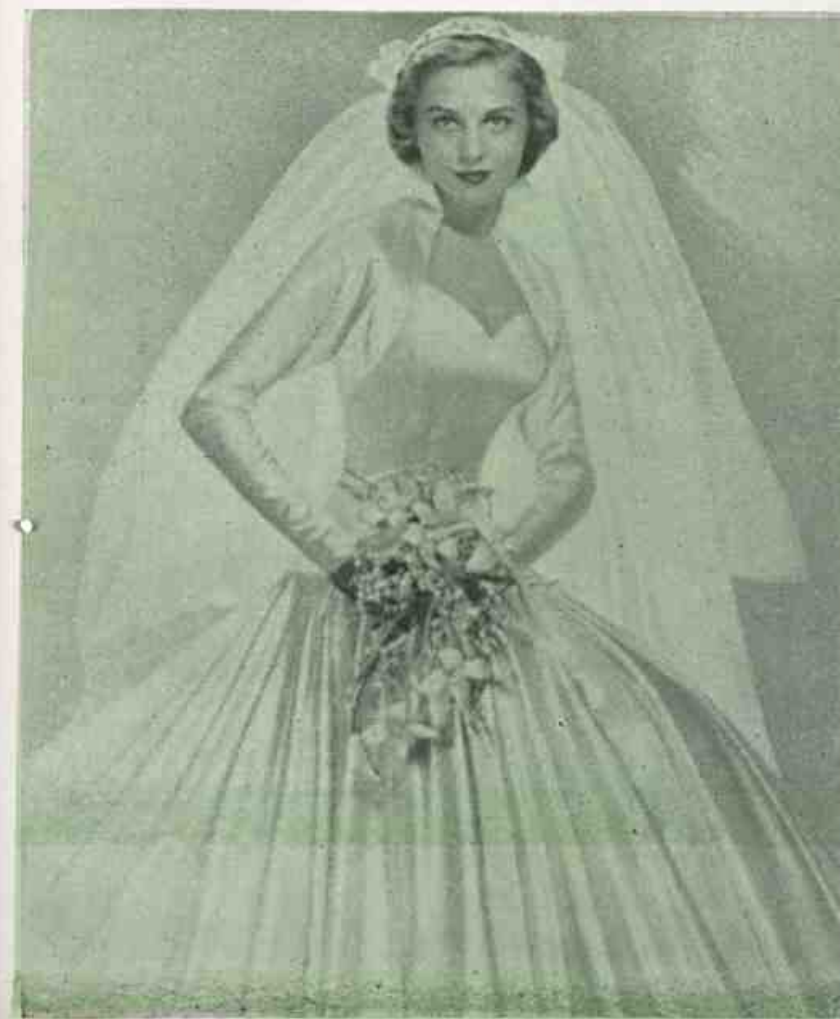
Modelos de John Frederics.



Modelos Dencco — Paris

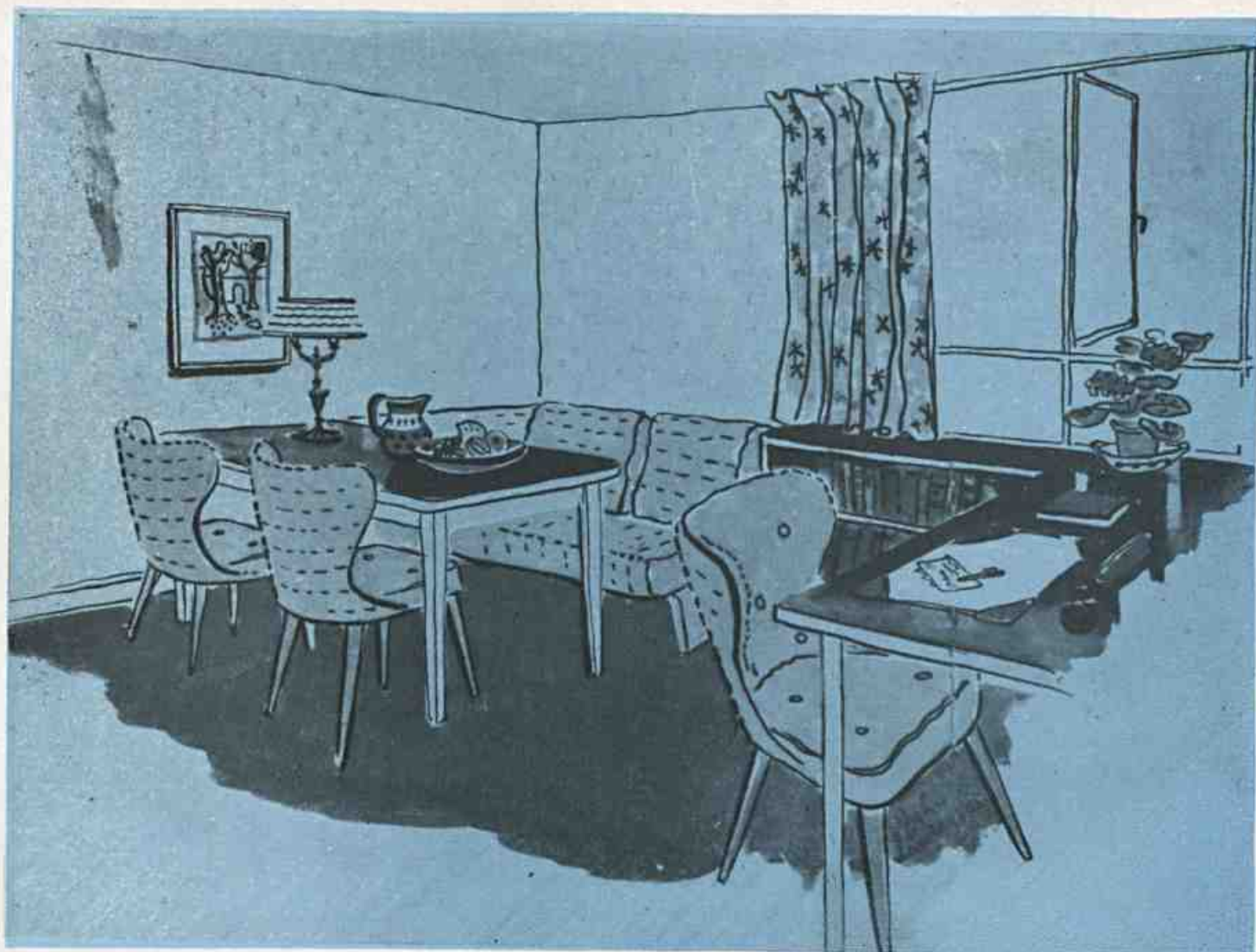
DEMOISELLES D'HONNEUR

Vestido de tule de nylon, saia com três grandes folhos, borboletas de renda nas mangas, capeline do material do vestido; vestido de tule de nylon, laçadas de fita de cetim, fôrro de tafetá; vestido de tule de nylon, raminhos de flôres na saia, nas ombreiras e compondo a coifa de renda.



PARA CASAMENTO

Vestido de cetim, pala de filô com bonita renda engomada em volta, aplicando-se a mesma renda na saia franzida. O segundo modelo é de renda de nylon, blusa de talhe japonês, recortes franzidos. Por último vemos um belo vestido talhado em cetim, saia godeada e fartamente franzida, blusa com cintura baixa e justo ao corpo.



Transforme a entrada de sua casa ou apartamento numa peça pequena e alegre, onde seus amigos poderão esperá-la.

Éis uma sugestão para os que dispõem de um "living-room", destinado também à sala de refeições.

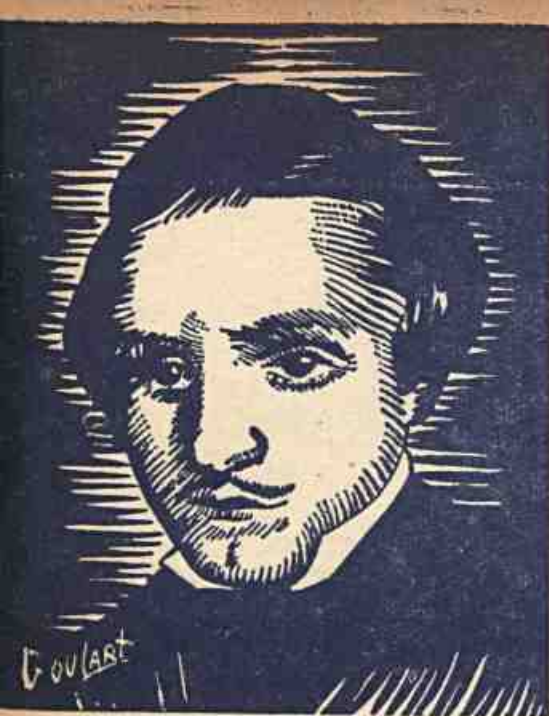
DECORAÇÃO DA CASA



Arte e Decoração
CORTINAS
TAPETES
E MOVEIS



A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
65 - RUA DA CARIOCA - 67
RIO



O CENTENÁRIO DE ALVARES DE AZEVEDO

Associando-se às comemorações do centenário de Alvares de Azevedo, "O Malho" procurou reunir o que julgou oportuno e útil para que não seja esquecida essa figura ímpar da literatura brasileira, cuja vida tão curta, não foi empecilho, no entanto, para a obra brotada do seu grande talento. Nasceu a 12 de Setembro de 1831 e morreu a 25 de Abril de 1852, viveu, precisamente, até a maior idade, que nele já era, pela sua cultura e produção, uma espécie de velhice precoce, ladeada pela doença que o levou a morte, e, finalmente à glória do Brasil, através da Poesia. — L. G.

ALVARES DE AZEVEDO

LOPES DE MENDONÇA
(Crítico Português)

Conheceis nada mais triste do que um poeta que morre na aurora e no brilhantismo de um esplêndido futuro? Dar de face com um cipreste, gemendo lugubrememente sobre um túmulo, quando se esperavam encontrar corôas de louro e grinalda de flores, não é, por ventura, um espetáculo desolador?

Para que veio a mão da morte pousar sobre a fronte altiva do que ansiava conquistar a glória?

Que sonhos fantásticos, que ignorados poemas que deslumbrantes inspirações não pereceram com esse ente, pálido e moribundo, despedindo-se, entre lágrimas, dos afetos que mais o prendiam à vida?

E o poeta tinha o presentimento da sua morte prematura! Entre delírios da sua alegria, vem sempre pousar um pensamento melancólico, uma vaga inspiração de que a sua passagem na terra há de ser fugitiva e rápida...

Sem querer ferir de modo algum os talentos vivos, não podemos de deixar de supor, entretanto, que Manoel Antônio Alvares de Azevedo tomaria, como poeta, um dos primeiros lugares na literatura de Portugal e do Brasil, se tão cedo não deixasse este mundo

A sua perda é daquelas que se devem deplorar como um funesto acontecimento para a situação e progresso das letras. Era um talento inovador, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horizontes, impellido pelo fogo da inspiração, e também pela madureza dos seus estudos.

Há vocações, que reproduzem os prodígios das sibilas antigas. Profetizam involuntariamente sobre a tripode, e deixam-se arrastar pelo entusiasmo das suas próprias palavras. O jovem poeta não cantava somente para que as turbas se deixassem comover pela harmonia dos seus cantos; cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque a sua alma, ébria e palpitante, lhe acendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzissem aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplêndido irradiar da sua esperança."

O QUERIDO DOS DEUSES

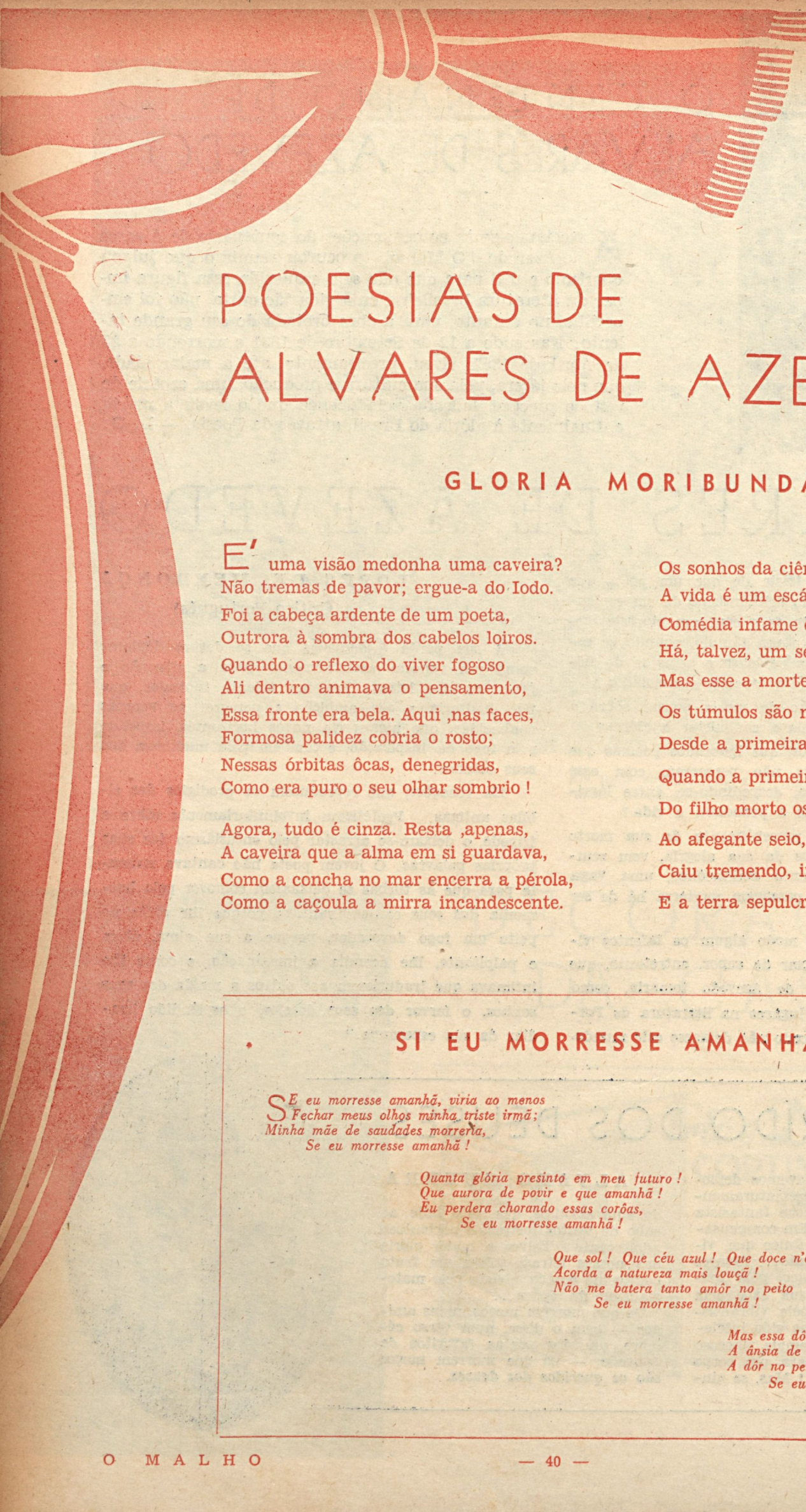
Não há dúvida: devemos deplorar que tão prematuramente se finasse o capricoso fantasista da *Noite na Taberna*. Em compensação, porém, foi ele o único que, vivendo pouco, viveu muito... Alvares de Azevedo viveu pouco, pela brevíssima duração de sua existência física; viveu muito, pela vibrantíssima intensidade da sua vida intelectual. Déveras, por demais vigoroso era aquele espírito para um corpo tão enfermiço e débil! Mas, se ain-

ALVARO GUERRA

da aqui existisse, que seria hoje, ao cabo de tantos lustros, o portentoso adolescente? Talvez a maior glória das nossas letras; talvez um fruto combalido e seco, eivado pelo materialismo da época...

Os que morrem moços, meus amigos — bem o disse, num verso célebre, um dos poetas favoritos de Azevedo, — os que morrem moços são os queridos dos deuses.





POESIAS DE ALVARES DE AZEVEDO

GLORIA MORIBUNDA

E' uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavor; ergue-a do Iodo.
Foi a cabeça ardente de um poeta,
Outrora à sombra dos cabelos loiros.
Quando o reflexo do viver fogoso
Ali dentro animava o pensamento,
Essa fronte era bela. Aqui, nas faces,
Formosa palidez cobria o rosto;
Nessas órbitas ôcas, denegridas,
Como era puro o seu olhar sombrio!

Agora, tudo é cinza. Resta, apenas,
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoula a mirra incandescente.

Os sonhos da ciência nada valem.
A vida é um escárneo sem sentido,
Comédia infame que ensanguenta o lodo.
Há, talvez, um segredo que ela esconde;
Mas esse a morte o sabe e não revela.
Os túmulos são mudos como o vácuo.
Desde a primeira dôr sôbre um cadáver,
Quando a primeira mãe, entre soluços,
Do filho morto os membros apertava
Ao afegante seio, o peito humano
Caiu tremendo, interrogando o túmulo...
E a terra sepulcral não respondia!

SI EU MORRESSE AMANHÃ!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória presinto em meu futuro!
Que aurora de povir e que amanhã!
Eu perderei chorando essas corôas,
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dôr da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dôr no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

A VIDA

A vida é uma comédia sem sentido,
Uma história de sangue e de poeira,
Um deserto sem luz...

A escara de uma lava em crâneo ardido...
E, depois, sôbre o lodo... uma caveira,
Uns ossos e uma cruz!

Creiamos, sim, — ao menos para a vida
Não mergulhar-se numa noite escura...
E não enlouquecer...

— Utopia ou verdade, a alma perdida
Precisa de uma idéia eterna e pura
— Deus e Céu... para crer!

Consola-te! Nós somos condenados
A noite de amargura: o vento norte
Nossos faróis apaga...

Iremos, todos, pobres náufragados,
Frios rolar no litoral da morte,
Repelidos da vaga...

E, contudo, parece um desvário,
Blasfêmia atroz o cântico atrevido
Que rugem os ateus;
Sem a sombra de Deus, e tão vazio
O mundo — cemitério envilecido...
Oh! creiamos em Deus!

O PASTOR MORIBUNDO

(Cantiga para viola)

A existência dolorida
Cansa em meu peito: eu bem sei
Que morrerei.
Contudo, da minha vida
Podia alentar -se a flôr
No teu amor!

Do coração nos refolhos
Solta um ai! Porque eu respiro
Num teu suspiro!
Mas fita ao menos teus olhos
Sôbre os meus: eu quero--os vêr
Para morrer.

Guarda contigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei.
Só a idéia me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti.

Se um dia tua alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu serafim,
Talvez notas de ternura
Inspirem o doido amor
Do trovador.

CREPUSCULO DO MAR

(Fragmento)

No céu brilhante, do poente ao fôgo,
Com auréola ardente o sol dormia:
Do mar doirado nas vermelhas ondas
Purpúreo se escondia.

Como da noite o bafo sôbre as águas
Que o reflexo da tarde incendiava,
Só a idéia de Deus e do infinito
No oceano boiava!

Como é doce viver nas longas praias,
Nestas ondas e sol e ventania!
Como ao triste cismar, encanto aéreo
Nas sombras preludia!

O painel luminoso do horizonte
Como as candidas sombras alumia
Dos fantasmas de amor que nós amámos
Na verdade de um dia!

Como voltam gemendo e nebulosas,
Brancas as roupas, desmaiado o seio,
Inda uma vez a murmurar nos sonhos
As palavras do enleio!...

Aqui nas praias onde o mar rebenta
E a escuma no morrer os seixos rola,
Virei sentar-me no silêncio puro
Que o meu peito consola!

O poeta da *Lira dos Vinte Anos* foi um talento possante numa organização demaziada franzina. Não podia viver muito: era doentio e era melancólico. Isto pode-se dele dizer, porque é a verdade manifestada em sua vida e em seus escritos. Precocidade em tudo, estranhava que o verdadeiro afeto do amor não lhe tivesse ainda chegado. Daí o dualismo que se nota nas suas composições líricas do gênero pessoal e íntimo. Ora é um lirismo idílico, todo confiante e puramente ideal; ora é a amargura de quem não encontrou ainda um coração que o compreendesse, e cá na pintura de alguma cena lasciva.

Foi um imaginoso, um triste, um lírico que enfraqueceu as energias da vontade e os fortes impulsos da vida no estudo e enfermou o espírito na leitura tumultuária dos românticos à Byron, Shelley, Heine, Musset e Sand.

Quanto ao valor de sua obra, deve-se dizer que nele temos um poeta lírico e o esboço de um *conteur*, dum dramata e dum crítico; o poeta é superior a todas as manifestações de seu talento. E'



ALVARES DE AZEVEDO

VISTO POR SILVIO ROMERO

engano supor ter sido ele um lacrimoso perene; há em sua obra páginas, e das melhores, de um completo objetivismo: *Pedro Ivo*, *Teresa*, *Cantiga do Sertanejo Na Minha Terra*, *Crepúsculo nas Montanhas*, e muitas outras o provam. Em *Glória Moribunda*, *Cadáver de Poeta*, *Sombra de D. Juan*, *Boêmios*, *Poema do Frade* e *Con-*

de Lopo — há muito desse satarlismo, desse desprazer terrível da vida em que veio a dar certa ramificação do romantismo. Julgamo-lo mais apreciável na sua forma séria e idealista, posto reconheçamos ser o nosso poeta o primeiro a usar em língua portuguesa do *humor*, essa bela manifestação da alma moderna. Eis uns versos dirigidos à sua mãe:



Silvio Romero

E' tu, alma, divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitário és tu quem véla,
Trémulo o coração que a dor ansela.
Nos ais do sofrimento inda mais bela,
Pranteando sobre uma alma que prantela.

E, se pálida sonhas na ventura
O afeto virginal, da glória o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só dellra ambições pelo teu filho

Pensa em mim, como em ti saúdoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando;
Pensamento de mãe é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando...

Como isto é acariciante e doce! Como já sabia, neste desventurado jovem, a poesia vasar numa linguagem de ouro as mais fundas emoções da alma!"

Na claridade do fundamental

Por BELARMINO VIANA

A vida mental e social da maioria dos civilizados exprime-se através de coisas paradas. Tra-duz apenas um processo de escolha e troca de memórias sem clareza e sem fundamento útil. A maioria das pes-sões cultiva atitudes em torno de idéias, de escolas de pensamentos, per-suade-se com propósitos sem realidade, sem verdade essencial. Desta maneira criou-se um oceano de con-fusão social onde está naufragando a mentalidade do atual civilizado.

Nesta hora de naufrágio o desejo mais forte do homem é a segurança; segurança impossível de rea-lizar porque, cada grupo dos que compõem a humani-dade está sendo orientado com propósitos diferentes. Esse é o estado mental em todos os países. Todos lutam defendendo sistemas políticos, religiosos e eco-nômicos, do que resulta um padrão ideológico para cada grupo. Consequentemente esse processo produz o distancionamento da ordem, da paz e harmonia en-tre todos.

Nestas condições, todo o esforço que é possível um homem fazer para obtenção da verdade, resulta, forçosamente, em luta e aniquilamento de um grupo pelo outro. É necessário, portanto, o homem pensar e dar-se conta do seu próprio estado mental para che-gar a uma conclusão sobre as ideologias que vão pelo mundo nesta hora de confusão. Faz-se mistér sentir que a confusão dos grupos humanos, é produto da confusão individual de cada um, mantida por ele pró-prio.

Temos de compreender a existência da permanen-te luta entre o "eu" e o ambiente, ou seja, entre o criador do ambiente e o ambiente. Pensamos que po-demos vencer o ambiente cuja matriz somos nós mes-mos. Puro engano. O ambiente e a extensão de cada um de nós, e não podemos eliminá-lo sem eliminar em nós as suas causas. Eliminando as causas, que são: a minha casa, a minha posição social, o meu saber na classe que ocupo, a minha religião, etc., estamos anu-lando a fonte dos atritos com os nossos semelhantes. Sem essa "reforma" fundamental da mentalidade, o indivíduo, o ambiente e sua sociedade continuarão sendo os mesmos, incapazes de sentir a verdade es-sencial das coisas; somente desta maneira poderá vir a liberdade e felicidade. Como se encontra a menta-lidade em cada homem, em cada "eu" "civilizado", jamais poderá ser encontrada a paz e o entendimento das realidades essenciais. O "eu" é constituído pelo transitório e portanto só pode produzir o transitório. Não há possibilidade de ser encontrada a verdade por meio das religiões, dos padrões morais, dos temores ou da autoridade. Tudo isso traz conhecimentos, mas conhecimento não é entendimento.

Assim, pois, que é que estamos fazendo? Que está acontecendo a cada um de nós? Estamos estagnados, confusos por falta de entendimento da vida. Busca-mos a verdade produzindo conflito no transitório, no "eu". Pretendemos vencer o ambiente ou dignificá-lo sem compreendermos que o ambiente é feito por nós mesmos.

"E assim, gradualmente, neste processo de desenvolver siste-mas, de tornar o indivíduo o "eu" imortal, perdurável, seguro, perde-se a criação por completo e entra em conflito com as criações de sua própria busca, com as criações nascidas do desejo de estar seguro, a que ele chama imortalidade" "Ojai — 1934" — pag. 6 — da Instituição Cultural Krishnamurti."

Somos ainda como as crianças que trocam um binquedo por outro, pensando que o outro é melhor. Se, porém, compreendermos que o ambiente é produ-zido por nós mesmos, por certo tomaremos a resolu-ção de promover uma revolução interna, não para es-tancar a fonte da nossa vida, mas para purificá-la das impurezas que neste caso são os conhecimentos, as teorias, os sistemas morais em que nos firmamos sem apercebimento do Real. Como poderemos fazer isto? Pensando na natureza desses padrões compreendere-mos o seguinte: uma fonte inteligente e criadora existe em cada ser humano, independente dos padrões de moral e dos sistemas ideológicos. Essa fonte verifica-se no desdobramento da espécie prejudicado pelas ideologias, pelos sistemas falsamente organizados para "salvar" o homem. A vida não tem sistemas, ela é a expressão da liberdade, da felicidade, da beleza ma-nifestada na inteligência de quem criou o mundo, e o ser humano que pensa e cria é uma representação da inteligência total do universo. Tudo o mais que tem vida e forma, oferece a beleza da vida. Os pássa-ros cruzam o espaço nos seus vôos perfeitos, sem te-rem aprendido regras de navegação aérea. Os animais se multiplicam nas selvas. Os peixes apresentam in-descritíveis modalidades de formas e cores, incom-paráveis na beleza sinfônica da vida. Só o homem co-bre-se de panos e nega-se a andar sobre os membros que a Vida lhe deu. Só o homem faz mau uso da li-berdade eterna, cortando, conscientemente com re-quite de crueldade, a liberdade e a vida do seu se-melhante. Só ele, entre os habitantes do planeta, como se não tivesse a faculdade de pensar e criar, utiliza mal sua natureza inteligente, admitindo como "legal" a destruição da sua espécie. Mas, não se ilu-dam os egoístas. A atual era humana não fechará seu ciclo, sem que o entendimento do homem, depois de ter penetrado cientificamente na estrutura recôndita das células e dos átomos da matéria viva, volte-se para a profunda natureza do seu pensamento criador, onde irá encontrar a solução suprema para sua existência. No estudo de sua natureza se defrontará ele com o sentido essencial de sua vida; será então mais feliz porque encontrará os meios individuais de *transformar* o seu "eu" tradicional, composto de memórias de ambição, ódio e medo. Destruirá esse "eu", não como faz com o seu semelhante, eliminando-o da face da terra com a força atômica, mas pela compreensão do movimento da sua personalidade egoística. Então saberá o homem que sua natureza essencial é a pró-pria vida. E assim, não matará, não cobiçará, não odiará, porque terá compreendido que a vida, em to-dos os reinos da natureza, significa inteligência, in-trepidez e amor. Só então estará vivendo na clarida-de do fundamental.

Lastimosa

Curiosidade

De Demostenes, orador da Gre-cia, eloquentis-simo.

Orando uma vez em Atenas sobre materias de im-portância, e ad-vertindo, que o Auditório estava pouco atento, introduziu com destreza o con-to, ou fábula de um caminhante, que alugara um jumento, e para se defender no descampado da força da calma, se assentara à sombra dele, e o almocreve o demandara por maior paga, alegando que lhe alugara a besta, mas não a som-bra dela.

Estavam os Atenienses neste passo mui apli-cados, desejando saber a senten-ça, com que se decidira aquele pleito.

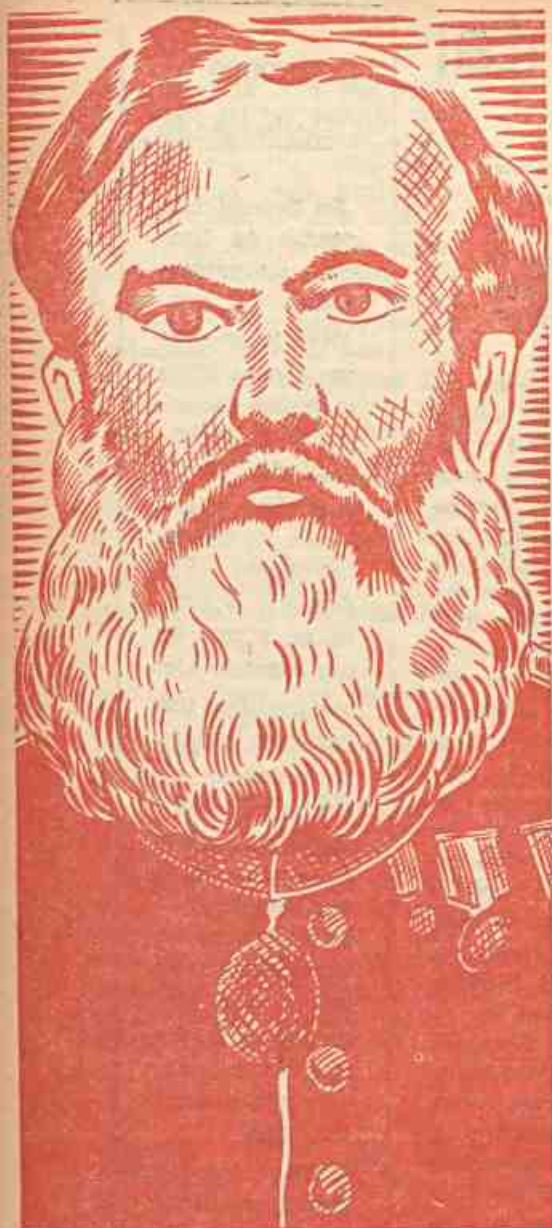
Porém, De-móstenes no mesmo tempo desceu da ca-deira, dizendo:

— "Oh! pejo! Oh! miséria grande. Folgais de ouvir da sombra do ju-mento; e não de ouvir do es-tado e bem pú-blico da Grecia".

M A N U E L
BERNARDES

"Nova Floresta"





O PATRONO DA ARTILHARIA BRASILEIRA

AMERICO PALHA

Em 1852, quando a Nação se sentia ameaçada pelas perspectivas de guerra, Mallet é chamado às fileiras. Aceitou. Não poderia recusar, e, por decreto de 3 de maio daquele ano, foi novamente incorporado ao Exército no posto em que o deixara.

Comandando o 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, Mallet tomou parte na memorável batalha de Monte Caseros, ganha pelo futuro Conde de Porto Alegre, e que obrigou o tirano Rosas, da Argentina, a fugir disfarçado em marinheiro para bordo de um navio inglês. "Mallet viveu com o 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo todas as peripécias da campanha rude e tão cheia de glórias."

* *

O 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo denominado o "Boi de Botas", Mallet sempre no seu comando teve parte decisiva na tomada de Paissandú na famosa batalha que durou da madrugada de 31 de dezembro de 1864 a 2 de janeiro de 1865. Foram cinquenta e duas horas de fogo intenso e cerrado. A esquadra comandada pelo almirante Tamandaré bloqueia o porto de Salto. As tropas daquela praça resistiam heroicamente à investida do general Flores. A artilharia iria caber papel importante na luta. Inutilmente o inimigo tenta desalojar Mallet e os seus soldados. "O ano de 1865 desponta no auge da peleja. Já 4.000 projéteis de artilharia tinham explodido dentro da praça. Ao anoitecer de 1.º de janeiro mais algumas posições tinham sido conquistadas pelo denodo dos assaltantes, enquanto diminuía sensivelmente o vigor da fusilaria e o canhoneio inimigo. Ao amanhecer do dia 2, já não se ouviam os frequentes vivas e morras dos ocupantes da praça, de cujo interior surgiu um parlamentar com um ofício de Leandro Gomez pedindo armistício de oito horas para enterrar os mortos e medicar os feridos. Pouco depois Paissandú rendia-se às tropas brasileiras. A 12 de janeiro, o Exército marchou sobre Montevideo, onde Aguirre estava entrincheirado. Mas, a 20 de fevereiro, capitulava a capital uruguaia, sendo o general Flores elevado à presidência do país."

Mal terminava a campanha do Uruguai, Solano Lopez, ditador do Paraguai, declara guerra ao Brasil, invadindo o nosso território. Osório o legatário, assume o comando supremo das forças brasileiras em operação. O Exército fez a difícil travessia do Panamá para pisar o solo inimigo. A artilharia de Mallet realizou prodígios nesse esforço e a 16 de abril de 1866 os paraguaios sentiam o valor do heroísmo e do destemor dos soldados brasileiros. Osório elogia a ação de Mallet nestes termos. "O sr. tenente coronel Emilio Mallet, comandante do 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, que dirigia oito bôcas de fogo que acompanharam a expedição, confirmou os seus precedentes, desenvolvendo a atividade, bravura e energia que há muito lhes são conhecidos."

* *

Novos louros conquista o grande soldado no combate do Passo da Pátria e depois em Tuiuti, o incomparável feito de 24 de maio,

que foi o maior título de glória de Osório. Mallet "cava o seu célebre fosso, sepultura dos brayos paraguaios que tentavam progredir, apesar da saraivada de balas das nossas bôcas de fogo que receberam o nome de artilharia de revólver, tal a rapidez com que utilizavam" (1).

"As primeiras cargas — diz Tasso Fragozo — veem morrer no fosso intransponível. O mesmo acontece a todas as que se seguem. A trincheira de Mallet representa papel idêntico ao de um rochedo na linha da costa, contra o qual se vão despedaçar imponentes as vagas de um mar revoltoso." Mallet castiga duramente os paraguaios. Sua voz desce sobre o seu querido Regimento, do alto do seu belo cavalo zebreiro: "Granada e metralha! Espoletas a seis segundos!" E, voltando-se para o fosso. "Por aqui eles não passarão!" A cena do combate é tremenda. Os paraguaios alucinados entregam-se à morte. A artilharia de Mallet vomita fogo sobre eles. E todas as investidas inimigas são rechassadas pelo "Boi de Botas". O Brasil ganhava essa batalha que consagrou três nomes: Osório, Sampaio e Mallet.

O general Andreia, comandante geral da Artilharia, assim se expressou sobre o comandante do "Boi de Botas": "O 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, que se acha na vanguarda, coberto por ligeiro entrincheiramento, foi o primeiro a suportar o impulso das massas paraguaias que, a todo custo, pretendiam assaltá-lo, mas que não puderam abrir caminho entre a chuva de metralha e granadas que lhe enviavam os canhões daquele Regimento; o seu comandante, o tenente-coronel Emilio Luiz Mallet, uma vez mais confirmou o nome de valente por que já é conhecido no Exército; seus serviços, coragem e sangue frio inalterável o tornam digno da atenção do governo imperial; eu cumpro um dever sagrado recomendando-o muito particularmente a V. Exa. o seu nome."

* *

Sob as ordens de Caxias, na segunda fase das operações de guerra, Mallet, que se distinguira também na tomada de Curuzú, ao lado de Porto Alegre, aparece, entre outras, nas memoráveis batalhas de Estabelecimento, Iteoró, Lomas Valentinas, e depois em Perepebui e Campo Grande, com o Conde d'Eu. A batalha de Lomas Valentinas, a última travada por Lima e Silva e que precedeu à tomada de Assunção, dividiu-se em três partes: aproximação, tomada de contacto e engajamento; chegada do agrupamento aliado de Palmas e o assalto". No final dessa peleja, onde o gênio de Caxias se afirmou victoriosamente, Lopez foge para as Cordilheiras. O marechal brasileiro entra em Assunção.

A guerra, entretanto, não está terminada. Lopez, nas Cordilheiras, arregimentava-se para prosseguir. Caxias, depois da entrada em Assunção, deixa o comando da tropa e é substituído pelo príncipe Gastão de Orleans, Conde

(Continua no fim do número)

EMILIO Luis Malet — barão de Itapavi — foi um dos grandes e gloriosos chefes militares do Brasil. Nasceu em Dunquerque a 1 de junho de 1801. Vindo para o nosso país que adotou como seu, assentou praça no Exército a 13 de novembro de 1822, como 1.º cadete, "ficando dispensado das provanças e habilitações do estilo", conforme consta da sua brilhante fé de ofício. Pelo seu valor pessoal, pela bravura que demonstrou em várias campanhas, Mallet, rapidamente, conquistou os postos da hierarquia militar. Em cinco anos chega a capitão. Estava, porém, reservado ao distinto militar uma dura provação que feriu fortemente o seu grande coração já brasileiro e já voltado para todas as aspirações da terra que o acolhera: a 26 de novembro de 1830, era assinado um decreto que excluía do Exército todos os estrangeiros, soldados e oficiais, excepto aqueles que tivessem tomado parte nas lutas pela nossa independência política ou que houvessem sido feridos em defesa do Brasil. Mallet, injustamente atingido por esse decreto do governo imperial e, sem se levar em conta os relevantes serviços já prestados, a 20 de abril do ano seguinte perdia seus galões de oficial. Poderia ele, abatido pelo golpe, dar adeus ao Brasil e abandoná-lo para sempre. Não o fez, porém. Continuou a amá-lo, sem perder a esperança de voltar ao seio da tropa, à qual tanto se dedicara com ardor e entusiasmo.

CASEMIRA E TROPICAL

PERI PERI

"O PANO QUE NÃO ACABA"

SEXOS EM EQUILÍBRIO — Um dos mais interessantes mistérios da Natureza é a manutenção de um equilíbrio relativo entre machos e fêmeas da mesma espécie, verificando-se os nascimentos numa proporção relativamente igual, ou logo depois atingida. Um caso singular é o que sucede com as rãs do norte da Europa. Quando terminam a fase inicial da vida aquática, existe normalmente uma proporção de nove fêmeas para cada macho. Entretanto, no curso da evolução para maturidade, quatro das nove fêmeas se transformam em machos, restando finalmente, das dez rãs primitivas, cinco fêmeas e cinco machos. Que misteriosa lei determina esse processo de equilíbrio?

GALÁXIAS — Literariamente, "galáxias" é o mesmo que a Via Láctea. Entretanto, a rigor, representa o que nós chamamos universo, isto é, o imenso conjunto de estrelas que constituem o "nosso" universo, pois que o nosso sistema solar pertence à própria Via Láctea. O mais importante, porém, é que, a distância verdadeiramente inconcebíveis, existem "outras" galáxias, compostas também de muitos milhões de estrelas. E, mais ainda, os estudos recentes da astronomia comprovam que esses "universos-ilhas", como são chamados, agrupam-se, de certa forma, constituindo — galáxias de galáxias. Pôde-se assim fazer uma idéia do que é o verdadeiro Universo, com U grande, cujos limites conhecidos ou calculados têm proporções vertiginosas.



Um livro que é um
tesouro de encan-
tamento e bom
humor:

"A Namorada do Sapo"

de SEBASTIÃO FERNANDES

(2ª edição)

Páginas alegres e empolgantes que prendem
a atenção de todas as crianças.

PERDIGOS À L. A. "O MALHO" — RUA SENADOR DANTAS, 18
5ª ANDAR - RIO

Figuras romanas pelo Escultor Paulo Portet.

PREÇO CDS 10,00

PÃO DE AÇÚCAR

O passeio das sensações! Sensação de orgulho pela obra científica do homem, dominando o espaço em uma via original e seguríssima. Sensação de patriotismo por se tratar de empresa exclusivamente brasileira. Sensação de deslumbramento na contemplação do panorama da cidade maravilhosa.

RESTAURANTE E BAR

O caminho aéreo funciona diariamente das 8 hs. às 22 horas, subindo o carrinho todas as horas e meias horas certas. Passagens: Cr\$ 6,00 até o Morro da Urca e mais Cr\$ 8,00 até o Pão de Açúcar. Grátis para crianças até 1,20m. de altura. Bonde: Praia Vermelha. Ônibus: para a Urca ns. 13 - 47 e 106. "Urca N.º 13".

Informações pelo telefone: 26-0768

AS MENINAS
AGORA TÊM
A "SUA"
REVISTA

Está
À VENDA



REVISTA MENSAL TOTALMENTE COLORIDA,
será a amiga preferida das meninas na idade
em que começam a se interessar por tudo o
que constitui assunto estritamente feminino.

EM SUAS PÁGINAS ENCANTADORAS

CIRANDINHA oferece

Poesias e contos ilustrados.

Ensinos e receitas.

Jogos e brinquedos de armar.

Canções — Curiosidades.

Modelos de vestidos e bordados.

Religião — Conselhos — Humorismo.

Edição da
S. A. "O MALHO"
Rua Senador Dantas, 15-5.º andar
Rio de Janeiro

Editora de "O Tico-Tico" e "TIQUINHO"

Caspa ? Petroleo Soberana

O PATRONO DA ARTILHARIA BRASILEIRA

(Conclusão da pag. 44)

d'Eu e genro do Imperador. Em Perebeui e Campo Grande, o "Boi de Botas" é fulminante, resolvendo rapidamente dificuldades da luta. Mallet não dá treguas ao inimigo. Arrasa-o, destrói e aniquila todas suas possibilidades. Sobre a batalha de Paissandú, ele mesmo assinala: "Fiz romper o fogo em toda a linha o qual levou o terror e a confusão ao inimigo que, vendo-se batido por todos os lados, não se pôde abrigar de nossas certeiras pontarias durante as duas horas que durou o bombardeio, cessando este quando se apresentaram as nossas colunas de infantaria que então tomaram de assalto o reduto. A arma da artilharia ainda mais uma vez prestou serviços importantes, concorrendo para o completo e glorioso triunfo de nossas armas no combate de Perebeui".

Terminada a guerra, Mallet está coberto de glórias. Vigoroso e nobre chefe militar, foi um exemplo completo e sem máculas. Em 1873 recebeu o título de Barão de Itapovi, no ano seguinte foi promovido a marechal de campo e em 1885 reformado no posto de tenentegeneral. Faleceu o grande guerreiro a 2 de janeiro de 1885, sendo o seu nome aclamado patrono da artilharia brasileira em ele se especializou e se afirmou nos rudes combates que travou em defesa dos povos americanos oprimidos e em defesa também da soberania da sua pátria adotiva.



Boas obras

Notáveis as realizações das Edições Melhoramentos: "Dom Quixote de la Mancha", adaptação de José Pedretti Neto e ilustrações do genial Gustavo Doré; "A miniatura desaparecida", sensacional romance de mistério de Erich Kaestner; "Guilherme Luis, Barão de Eschwege", patriarca de nossa geologia, pelo historiador Frederico Sommer; "Kon-Tiki e eu", de Erik Hesselberg, livro deliciosamente irônico e artístico, sendo o autor companheiro de Thor Heyerdahl na formidável "Expedição Kon-Tiki", já em 4.ª edição; "O melhor lugar do mundo", de Ethel M. Rice, um mimo para a criança.

Volumes que honram a tarefa admirável das Edições Melhoramentos.

Homenagem excessiva

O grande pianista Paderewski gostava muito de ir ao cinema. Certa vez, em Paris, foi a uma dessas casas de diversão, o Cine Paramount, para assistir ao filme com que o mesmo era inaugurado. Mal, porém, penetrara na sala de projeções, foi logo reconhecido e alvo de ruidosa manifestação.

Não deve, entretanto, ter gostado muito do seu prestígio e notoriedade, porque alguns dos mais exaltados entre os que o aplaudiam, não se contendo no seu entusiasmo, car-

Um por todos... ...todos por um



Hi empreendimentos que o homem não pode realizar isoladamente. A colaboração e o esforço conjugados são necessários nos mais diversos setores da atividade humana. Tomemos o exemplo de uma empresa, onde ocorrem problemas, como a proteção contra as incertezas do futuro, que só a união pode solucionar satisfatoriamente.

Foi pensando nesse imperativo social que A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL criou o seu plano de "SEGURO EM GRUPO", que proporciona ao pessoal de uma organização, através da união de empregados e dirigentes, todas as vantagens do seguro individual — segurança, amparo e tranquilidade — sob condições mais acessíveis.

Além dessas vantagens, o "SEGURO EM GRUPO" é isento de exame médico e carência, não está sujeito a descontos e impostos, oferecendo a milhares de homens um futuro mais garantido, proteção efetiva e permanente.

Consulte-nos, para todas as informações e esclarecimentos.

A EQUITATIVA

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
Sociedade Mútua de Seguros de Vida
AVENIDA RIO BRANCO, 125 - RIO DE JANEIRO

regaram-no aos ombros e levaram-no até seu automóvel, que esperava do lado de fora, e Paderewski perdeu o filme que ia ver.

"PRIMEIRAS LETRAS" (Coleção Seth) —

CARTILHA PRÁTICA — Ilustrada para

aprender a lêr — 350 desenhos que tornam

a aprendizagem mais fácil e objetiva —

18.ª EDIÇÃO — Preço Cr\$ 5,00.

Distribuidores: S. A. "O MALHO" — Rua

Sen. Dantas, 15 - 5.º and. — Rio de Janeiro

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS



JOGOS E PASSATEMPOS



Direção do Chô-Chô

2.º TORNEIO — Abril-Maio, 1952

2.ª PARTE

LOGOGRIFO EM PROSA

19

Homenagem (1-2-5-7-8-3) às Mães

Neste banquete (11-4-11-1-5) simbólico que vos oferecemos, toda a família (4-5-6-8-5) sumamente agradecida (4-10-11-8-11) aos vossos carinhos, desvãos e aflições, ergue suas taças exclamando ardentemente: — Que Deus (9-6-7-1-3-8-5-6-8-5) vos proteja, querida Mãe!

Chô-Chô — Rio

CHARADAS NOVÍSSIMAS

20

2-1 — A paixão é própria de um indivíduo impetuoso.

Bandeirante — S. Paulo

21

1-2 — Não há proveito algum em cortar um trecho da oração. Isso significa macular a religião.

Fátima — Rio

22

1-2 — Só uma dama formosa deve usar este pequeno chapéu de sol.

Fusinho — C. E. C. — Rio

23

2-2 — Na clareira estéril da charneca encontrei uma sujeita a beber aguardente.

Matzuk — T. E. — Rio

24

1-2 — Por certo sou inflexível com o aluno que ouve bem e finge não ouvir o que pergunto.

Zytho — E. C. — Rio

25

1-2 — Reparem que é inconfundível a fisionomia desta mulher encantadora quando usa ondulação permanente.

Big Boy — Rio

CHARADA EM VERSO

26

1-2 Tua voz me dá coragem
No princípio da viagem
Dedicada às Mães

Sem fadiga e sem cansaço.

Embora triste pareça,

Reclino minha cabeça

Neste teu lindo regaço.

Campina Grande — Euclides Vilar

CHARADAS SINCOPADAS

27

Pergunta ao Fusinho:

3 — A parte fina do fuso, bem perto da clava, será o fusinho?

Chô-Chô — Rio

28

3 — Funesto movimento. 2

Ueniri — C. E. C. — Rio

29

3 — O guarda-civil caiu no antro da feitiçeira. 2

Fusinho — C. E. C. — Rio

LOGOGRIFOS EM VERSOS

30

A minha Mãe

Dos lábios da "mulher" incomparável 5-6-3-2-3
Já reeebi vibrante alento e prece; 1-6-7-8
Do coração que o mal perdôa e esquece,
O amor sincero, santo inviolável. 7-4

Do seio amigo, flôr mui venerável 1-4-5-8
Que a fé em Deus e que a concórdia tece,
Tenho o amor que em tempo algum fenece,
O carinho de mãe sempre adorável.

Aos meus primeiros passos, sua mão
Deu-me amparo ao corpo sem firmeza;
E seu affecto, deu-me ao coração.

Em branda infância, a prece luminosa
Que faz sentir-me alegre na tristeza,
Encarando a vida, esperançosa.

Ivemar — Rio

31

SER MÃE

Ser Mãe é ser um anjo bom e terno,
Velando pelo filho noite e dia,
Trazendo aos lábios um sorriso eterno
Como prova que o faz com alegria. 4-5-6-7-8

Ser Mãe é tudo dar ser dar indício 4-5-1-5-2
De quanto a ela custa essa ventura;
E fazer com prazer um sacrifício,
Só por bem e amor à criatura. 3-5-6

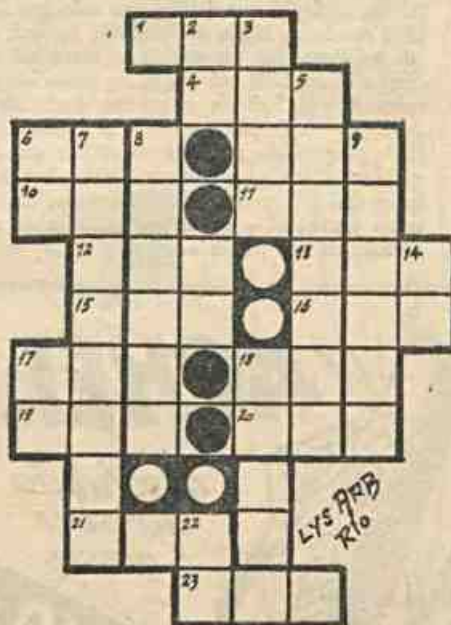
Ser Mãe é viver rindo para um ente 2-3
Que, às vezes faz chorar, mas inocente
Das lágrimas que aos olhos dão mais brilho.

Senhor, pôde existir entre os humanos,
Depois dêste sofrer durante anos,
Quem inda queira ou possa ser mau filho?

João Fogaça (Mendes)

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 3 — Lis Arb — Rio



Horizontais: — 1 — Canzoal. 4 — Nomenclatura. 6 — Mascas de fumo. 8-A — Liberdade. 10 — Unidade de iluminação no sistema M. T. S. 11 — Rio da Sibéria. 12 — Chalacear. 13 — Cachaça. 15 — Tritura. 16 — Rio do Sudão anglo-egípcio. 17 — Onomatopéia do tiro de canhão. 18 — Mealheiro. 19 — Época. 20 — Pratique. 21 — Língua indiana falada em Orixá. 23 — A plebe.

Verticais: — 2 Conduzir. 3 — Ignomia. 5 Pequenos lobos. 6 — Ele. 8 — Máxima. 9 — Moléstia produzida por cogumelos. 14 — Coisa diversa. 17 — Símbolo do berilo. 18 — Papa de milho verde com leite de vaca. 22 — Seguir.

SOLUÇÕES

3.º Torneiro - Julho-Agosto, 1950

Charadas: 1 — Sombrio; 2 — Pontapé; 3 — Ganhoso; 4 — Fundamental; 5 — Sacomão; 6 — Asno contente, vive eternamente; 7 — Treloso-trelo; 8 — Folhagem-fogem; 9 — Mordente-morto; 10 — Medida-meda; 11 — Denodo-dedo; 12 — Jornalismo; 13 — Camarata; 14 — Cupana-parati-nativo; 15 — Bonairosa; 16 — Alvazil; 17 — A moral está na cabeça e a moralidade no coração; 18 — Empandeirado; 19 — Pesadamente; 20 — Furta-fogo; 21 — O que teme sofrer começa a sofrer o que teme; 22 — Somenos; 23 — Justamente; 24 — Semoto; 25 — Sopitassota; 26 — Contextos-contos; 27 — Vagantevate; 28 — Denodo-dedo; 29 — Tablilha-talha; 30 — Quebrada-queda; 31 — Quem tudo teme, em tudo crê; 32 — Desaferrilha; 33 — Rabo de palha; 34 — Ranfoteca; 35 — Velado; 36 — Choldrabroda.

* * *

Palavras Cruzadas

Problema N.º 1 — Horizontais: 1 — Gavela; 7 — Badalada; 9 — Abor; 10 — Tor; 11 — Dona; 12 — Eir; 13 — Eril; 14 — Ado; 15 — Ria; 16 — Rat; 17 — Nas; 18 — Ea; 19 — Iu; 22 — Ra; 23 — Ac; 24 — Abad; 26 — Tabela; 28 — Arçnosos; 29 — Olores.

Verticais: 1 — Gaboriau; 2 — Adonias; 3 — Varal; 4 — El; 5 — Latear; 7 — Baderista; 8 — Arroteados; 20 — Aceno; 21 — Valôr; 23 — Abel; 25 — Base; 27 — Aro.

* * *

Problema N.º 2 — Horizontais: 1 — Abatia; 7 — Baluma; 8 — Alacil; 9 — Remate; 10 — Amorim; Asia.

Verticais: 1 — Abara; 2 — Balema; 3 — Alamos; 4 — Tucari; 5 — Imitia; 6 — Sa-lem.

Problema N.º 3 — Horizontais: 3 — Curiô; 5 — Batel; 9 — Poti; 10 — Egro; 11 — Ri-par; 12 — Moer; 13 — Dolo; 14 — Abaco; 17 — Prumo.

Verticais: 1 — Fula; 2 — Dixe; 4 — Co-rôa; 5 — Birra; 6 — Tupia; 7 — Lerdo; 8 — Trela; 15 — Boro; 16 — Coma.

* * *

Problema N.º 4 — Horizontais: 1 — Ar; 3 — Irar; 5 — Dala; 6 — Malaca; 8 — Amas; 10 — Area; 13 — Atar; 14 — Alar;

JOGOS E PASSATEMPOS

Cupão de Inscrição.

Nome

.....

Pseudônimo

Aniversário - Dia Mês

Residência

Cidade .. Estado

16 — Erra; 17 — Amor; 18 — Ambore; 21 — Iara; 22 — Alar; 23 — Or.

Verticais: 1 — Aral; 2 — Rala; 4 — Raca; 6 — Marra; 7 — Arame; 8 — Ate; 9 — Mar; 11 — Elo; 12 — Aar; 16 — Ania; 17 — Arar; 19 — Baio; 20 — Orar.

* * *

Decifradores da Totalidade: Atelito Lebre; Nostradamus; Padre Chagas; Juca Pirolito; O. Janz; Sefton; Euclides e Apolonia Villar; Zytho; Alvorogo; Myself; DR. Fú-Manchu; Lô; Suely; Juca Pirama; João Fogaça; Ed-pim; Jotoracio; Black Rose; Cinco; Lord; Violeta; Yvelise; Eulina Guimarães; Gil Vi-rio; Frei Paulino; Yara Jens; Aspe; Poti-guar; Rochedo; Osmar; Judex; Bieta; Ma-rius; Telefone; Aristomedes Rosa; Raven-gar; O Sineiro; Lúrcio; Plá; Nilya; Ma-jor Agá; Buridan; El Campeador; Xixto; Fiote; Cuiabano; Sam; Fátima; Johanes La-tium; Almiro Lessa; Bael; Caio Loti; Clis-sal; Dr. Anquinha; Mme. Stal; Rubem; Sa-ralc; Teodeno Varzea; Bandeirante.

* * *

Decifradores Parciais: Fusinho; Sepol; Dr. Barreto Cardoso; Gujuno; Baldan; Henri-val; D. T.

* * *

Classificados: O. Janz, Porto Alegre, R. G. do Sul; Frei Paulino, Juiz de Fora, M. Ge-raís e Fusinho, Distrito Federal.

OS OSCARS DE 1951

(Conclusão)

Vivien Leigh ganhou, pelo seu desempe-nho em "Uma Rua Chamada Pecado".

Greer Garson recebeu a estatueta em seu nome, já que Vivien estava trabalhando no teatro em Nova York. Em papéis secundá-rios, ganharam Karl Malden, da Warner Bros, pelo desempenho em "Uma Rua Cha-mada Pecado" e Kim Huter, pelo papel que representou no mesmo filme. Bette Davis acei-tou o Oscar em nome do Kim, que também estava em New York.

Gene Kelly recebeu um Oscar especial pela sua contribuição artística em filmes musica-dos.

Arthur Freed, produtor de "músicas" da Metro recebeu o Irving Thalberg pelo valor artístico mantido em todas as suas produ-ções.

Disney ganhou o Oscar com o filme da série Maravilhas da Natureza, "Sinfonia da Primavera" e a Metro, por haver apresentado o melhor desenho animado com Tom e Jerry, os fabulosos bonecos.

Marlene acaba de obter novo sucesso com o filme "RANCHO MOTORIOUS" direção de Fritz Lang para a Rko-Rádio Pictures. Marlene continua sendo a maior glamorosa do Hollywood, mesmo que já vovô... Ao seu lado aparecem Mel Ferrer e Arthur Kennedy. O filme é colorido. Não é a melhor produ-ção do mundo, mas há-de despertar muita curiosidade com Marlene num papel tão fas-cinante...

Como vêm... Marlene continua com as pernas mais lindas de Hollywood... Eu sem-pre a achei uma senhora muitíssimo interes-sante!

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usa-do há mais de meio século! A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e deli-gadas adquirindo forma elegante indispensá-vel à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há mel-hor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

Lembre-se que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas é

CABELOS BRANCOS está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFASMA:

Rua Direita, 191 — 6.º — S. PAULO
Remessa pelo Reembolso Postal



Todos pedem, todos desejam
"Tiquinho", a revista infantil.
— Nós queremos "Tiquinho" — repetem
as crianças de todo o Brasil

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

COMBATE E EVITA AS RUGAS
À VENDA EM TODA A PARTE

Dr. UBALDO VEIGA

Especialista em doenças da pele e sífilis

Chefe desta clínica na Benefi-cência Portuguesa

CONSULTAS

Rua do Ouvidor, 183-5. - s. 504
Das 2as, 4as. e 6as. - Das 16 às 17,30

UMA TRADIÇÃO JORNALISTICA...



"POEMA DA ANGUSTIA UNIVERSAL"

Luiz Goulart promete-nos, para breve, novo livro de poesia.

Desta vez, trata-se de uma obra onde o autor focaliza, num longo poema, como muito bem diz o título, a "Angustia da Hora Presente", a angustia da hora presente.

O poema foi lido em vários salões de intelectuais do Rio, despertando os mais vivos aplausos de todos que o ouviram, não só pela sua forma original e esbelta mas, também, pela concepção que aborda, de modo vibrante, o desespero, a ansiedade e a dúvida por que passa a humanidade na vereda escura das Guerras, da exploração do homem pelo homem, do abandono do sentimento e da destruição da beleza, num mundo mecanizado.

O novo livro de Luiz Goulart está fadado aos maiores louvores da crítica e do público brasileiro, quicá, do mundo, já que o seu tema é universal.

Escrito em linguagem simples, sem rebuscamentos, o "poema da angustia universal" traz o marco de verdadeiro artista, integrado nas vicissitudes dos povos, transmitindo, através das cordas da sensibilidade, o anseio dos que sentem, sem o dom de transmitir. O autor parece viver nas súplicas e nas imprecções, que transvazam das imagens de seu canto de poeta, que sai da torre de marfim para conviver e sofrer com a humanidade.

D. R.





UM TESOURO PARA O LAR

Uma primorosa publicação de luxo, de grande interesse para as Senhoras. É o manual necessário à consulta do belo sexo. Contém um sem número de assuntos de palpitante atração para as Senhoras.

Um luxuoso volume, repleto de belíssimas gravuras sobre modas, elegância, conselhos e ensinamentos uteis para o lar. É o amigo e o conselheiro para as Senhoras e Senhoritas.

ANUÁRIO DAS SENHORAS 1952



O presente ideal

O Método "Toutemode" organizado e impresso em belíssimo livro, magnificamente encadernado, contém cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais difícil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.

Lições completas sobre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs", "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adorno e roupa branca para homem.

O preço de cada exemplar do livro com excelente encadernação, é de Cr\$ 150,00. A venda em todas as Livrarias do Brasil.

METODO DE CORTE E ALTA COSTURA
Toute mode
DE ENSINO SEM MESTRE
AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL

PEDIDOS AOS EDITORES: "S.A. O MALHO" Rua Senador Dantas, 15-5.º andar.
Caixa Postal 880 — RIO — Envia-se pelo Reembolso-Postal

O PROF. J. DIAS PORTUGAL, AUTOR DESTA IMPORTANTE OBRA, MANTÉM CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA E NAS ACADEMIAS "TOUTE-MODE", COM DIPLOMAS PARA MODISTAS E PROFESSORAS, AVENIDA 13 DE MAIO, 13-16.º and — TEL. 22-6835 — RIO.